



Katja Linnemann

**Angústia e objeto - elaborações a
partir do caso de fobia *Pequeno Hans***

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do grau de Mestre em Psicologia
Clínica ao Programa de Pós-Graduação em
Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia
do Centro de Teologia e Ciências Humanas da
PUC-Rio.

Prof^o. Marcus André Vieira
Orientador

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2006



Katja Linnemann

**Angústia e objeto - elaborações a
partir do caso de fobia *Pequeno Hans***

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do grau de Mestre em Psicologia
Clínica ao Programa de Pós-Graduação em
Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia
do Centro de Teologia e Ciências Humanas da
PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora
abaixo assinada.

Prof^o. Marcus André Vieira
Orientador

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Prof^a. Ana Maria Rudge

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Prof^a. Maria Silvia Garcia Fernández Hanna
Escola Brasileira de Psicanálise - EBP

Prof. Paulo Fernando Carneiro de Andrade
Coordenador Setorial de Pós-Graduação
e Pesquisa do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 17 de fevereiro de 2006

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Katja Linnemann

Graduou-se em Psicologia na PUC-Rio (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro) em 1999. Especializou-se em Clínica Psicanalítica no IPUB/UFRJ (Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro) em 2002.

Ficha Catalográfica

Linnemann, Katja

Angústia e objeto : elaborações a partir do caso de fobia Pequeno Hans / Katja Linnemann ; orientador: Marcus André Vieira. – Rio de Janeiro : PUC, Departamento de Psicologia, 2006.

100 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia

Inclui referências bibliográficas.

1. Psicologia – Teses. 2. Angústia. 3. Fobia. 4. Objeto. 5. Estranho. I. Vieira, Marcus André. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

Agradecimentos

À CAPES e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

Ao orientador Marcus André Vieira, pelas valiosas orientações, delimitações e sugestões. E principalmente por ter valorizado e sublinhado minhas construções.

A Marlene e Johannes Linnemann, que me transmitiram a importância da leitura, do estudo e da escrita.

A Sebastian Linnemann pelo carinho e pela ajuda na formatação.

A Raphael Milanez pelo amor, pela presença e pelo incentivo constante.

A Ana Lucia Lutterbach Holck, quem permite a tradução de minhas particularidades.

A Tatiane Grova pela cuidadosa revisão.

À querida equipe de pesquisa, pela rica troca ao longo destes anos: Tatiane Grova, Vânia Gomes, Teresa Pinheiro, Lourenço Astua, Rodrigo Lyra, Juliana Mercês, Carolina Martins, Laura Sarmento, Haendel Motta, Elisa Werlang, Clara Peed, Maria Novaes e Paula Mancini.

Às queridas amigas Vera Cristina e Issa Damous, com quem compartilhei tanto os momentos de angústia concernentes à escrita, quanto às conquistas neste processo.

Aos imprescindíveis amigos que acompanharam este percurso: Renata Perissé, Simone Delgado, Lorena Richter, Renata Del Caro, Uli, Daniela Pinto e Fernando Derenusson.

Às amigas e interlocutoras da psicanálise: Georgiana Gonçalves, Celina Guimarães, Cristina Frederico, Marícia Ciscato, Renata Martinez, Naiana Cordeiro.

À turma do ICP: Andréa Rolo, Beth Karam, Carlos Huszar e Fabrício Bueno.

Ao ICP e à EBP-Rio.

A Maria Silvia Hanna pela orientação do trabalho desenvolvido no ICP.

Aos professores de Pós-Graduação do Departamento da PUC-Rio.

Às secretárias do Departamento de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-Rio.

Resumo

Linnemann, Katja; Vieira, Marcus André (Orientador): **Angústia e objeto-elaborações a partir do caso de fobia *Pequeno Hans***. Rio de Janeiro, 2006, 100 p., Dissertação de Mestrado, Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

De acordo com a teoria freudiana em sua abordagem por Lacan, os conceitos “angústia” e “objeto” são articulados sob dois aspectos na presente dissertação. Primeiro, a partir de um exame das considerações de Freud a respeito da fobia, que liga a angústia a um objeto na realidade. Com a formulação do “objeto *a*” por Lacan, constata-se uma transformação do estatuto do objeto, uma vez que se trata de um objeto inconsistente. Exploramos, então, as possíveis relações entre a fobia do caso “Pequeno Hans” e tal objeto.

Palavras-chave: angústia, fobia, objeto, estranho.

Abstract

Linnemann, Katja; Vieira, Marcus André (Advisor): **Anguish and object-considerations based on the phobia case *Little Hans***. Rio de Janeiro, 2006, 100 p., Dissertation, Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

According to Freud's theory and its interpretation by Lacan, the concepts "anguish" and "object" are articulated in two aspects in this dissertation. First, by examining Freud's considerations about phobia, that links anguish to an object in reality. With Lacan's formulation of "object *a*", we confirm a transformation of the statute of the object, as long as it treats of an inconsistent object. Then we explore the possible relations of phobia and the object in the case "Little Hans".

Key-words: anguish, phobia, object, strange

Sumário

Introdução	9
Capítulo 1. Destinos do afeto	14
1. Considerações iniciais	14
2. As neuropsicoses de defesa	16
2.1 Histeria e neurose obsessiva	17
2.2 A fobia: uma defesa específica	18
2.3 O que escapa à defesa	20
3. Sintoma como formação de compromisso	21
4. O recalque	24
5. O sintoma fóbico	26
6. Reformulação da teoria da angústia	29
7. Do pai como perigo ao pai como função	30
8. Um novo estatuto para a angústia: a angústia vazia	31
Capítulo 2. Do pai presente ao pai como presença – Uma análise da configuração subjetiva do <i>Pequeno Hans</i>	35
1. A potência opaca da mãe: uma relação de angústia	35
2. Da angústia ao medo e a saída pela fobia	40
3. O impasse edípico de <i>Hans</i>	42
4. A fobia: uma suplência à função paterna	44
5. Um objeto que porta a angústia	47
6. Circuitos	49
7. Duas manifestações do real	50
Capítulo 3. Variações em torno da metáfora paterna	55
1. A metáfora paterna	55
2. Catacrese	59
3. A fobia e o mito como delimitação do real	63
Capítulo 4. Angústia e segredo	68
1. O pai impossível ou de um pai morto	68
1.1 A morte necessária de <i>Don Juan</i>	70
2. <i>Das Unheimliche</i> e objeto <i>a</i>	72
2.1 Do corpo ortopédico ao corpo estranho	72

2.2 O objeto como <i>unheimlich</i> : algo que não pertence à imagem	74
2.3 O estranho na literatura fantástica	76
2.4 “O Homem de Areia”	78
2.5 O olho e o objeto a	82
3. Um lugar para o segredo	84
3.1 Segredo e <i>unheimlich</i>	84
3.2 A mancha e o segredo	86
3.3 Que segredo para a fobia?	87
 Conclusão	 90
 Referências bibliográficas	 93
 Anexo 1	 99
Anexo 2	100

Introdução

O título “Angústia e objeto –elaborações a partir do caso de fobia *Pequeno Hans*”, compreende os conceitos principais e centrais, desenvolvidos e articulados neste texto. Baseamos nossa leitura nas obras de Freud e Lacan, e nas considerações de alguns de seus comentadores.

Consideramos, desta forma, fobia, angústia e objeto, conceitos clínicos fundamentais como norte para a presente dissertação. Encontramos na seguinte referência do início da obra de Freud a relação entre fobia e angústia, quando escreve que na fobia “nunca se encontra nada além do estado emocional da angústia” (1885 [1894] a: 85). Tal afirmação serve como ponto de partida, primeiro a título de uma indagação e por fim, como motor para o desenvolvimento do estudo a seguir.

No primeiro capítulo optamos por introduzir algumas considerações sobre os destinos do afeto - a conversão (histeria), o deslocamento (a obsessão) e a fobia -, para apresentarmos, então, a discussão da relação do sintoma com a angústia. Localizamos nos textos iniciais de Freud a primeira importante concepção da função do sintoma como defesa contra uma idéia incompatível à consciência.

Citamos três momentos na obra de Freud, ressaltando as principais mudanças teóricas entre eles, onde é possível reconhecer a defesa como solução para tal idéia ou conteúdo indesejáveis: em “As neuropsicoses de defesa” (1894 c), em “A interpretação dos sonhos” (1900), onde é apresentada a formulação do sintoma como formação de compromisso, e em “O recalque” (1915).

Porém, observamos que nenhuma tentativa de defesa é absolutamente bem sucedida, produzindo desta falha um excedente de afeto de angústia, ao qual atribuiremos o nome de resto, baseando-nos nas formulações posteriores de Lacan a respeito do objeto *a* (1962-63).

Segundo Freud, este excedente resulta do acúmulo de energia pulsional, que uma vez descolada da idéia indesejável, continua agindo de forma a gerar desprazer.

Ao longo do percurso de pesquisa pudemos constatar que a solução fóbica se destaca pela especificidade de ser essencialmente marcada pela angústia, ou

seja, na fobia parece restar de forma bastante nítida e intensa tal afeto. Desta forma, com a finalidade de investigar isto que a solução sintomática não soluciona, recorreremos à fobia, privilegiando as formulações derivadas dos textos iniciais da obra de Freud, além da análise do caso de fobia do “*Pequeno Hans*” (1909), e principalmente das considerações contidas em “Inibição, sintoma e angústia” (1925 [1926]).

Sublinhamos neste último texto a importante modificação da relação entre sintoma e angústia. Anteriormente, a angústia era considerada o resultado de um conflito pulsional, uma consequência do recalque, e após “Inibição, sintoma e angústia”, ela passa de produto para motor da formação de sintomas, com a característica de ser destituída de qualquer ligação a um conteúdo específico.

Apoiamo-nos na tentativa de descrição desta “nova angústia” por Freud, cuja origem caracterizava-se por ser essencialmente desconhecida, e de acordo com Lacan chamamos esta angústia de vazia, uma vez que não há mais nenhum representante associado a ela.

O segundo capítulo “Do pai presente ao pai como presença - uma análise da configuração subjetiva de *Hans*” apresenta uma extensa análise do caso de fobia do *Pequeno Hans*. Privilegiamos o recorte de dois aspectos centrais nos quais apoiamos as demais considerações: a relação extremamente baseada na complementaridade de *Hans* com a mãe e a precariedade do pai como interditor para esta relação.

A passagem do primeiro para o segundo capítulo ancora-se no desenvolvimento da angústia de castração, que não é mais concebida como uma ameaça de castração originada do pai na realidade, assim como a angústia também não se encontra mais relacionada a causalidades.

Trata-se de uma castração de outra ordem, a ordem simbólica, que instaura a falta e que depende do pai como função.

No entanto, a delimitação do excesso de angústia, oriundo da relação complementar com a mãe, que não permitia a instauração de um intervalo ou um lugar para a falta, dependia deste pai.

Constatamos que a fobia figura uma tentativa de solucionar o que a função paterna desempenha de forma insuficiente – a proibição. Desta forma, a fim de conter o excesso de angústia originada na relação de dualidade, e poder evitá-la, a fobia soluciona a angústia ligando-a a um objeto que pode ser mantido afastado.

Abordamos a questão da posição de objeto de *Hans* como falo imaginário para a mãe, que supostamente a satisfaria em seu desejo. No entanto, o desejo não entrava em jogo. Era preciso localizar então, a falta da mãe como falta impossível de ser preenchida ou ocupada por um objeto. Segundo Miller, “dado que a criança não é o objeto adequado para preencher essa falta, espera-se ao final, a entrada do Nome do Pai” (1995: 68).

Neste sentido, a fobia como solução para a angústia vinha no lugar de reforço para o pai, ou seja, no lugar da função que o pai deveria exercer.

O título do ponto 4 deste capítulo “A fobia: uma suplência à função paterna”, confirma e sustenta a operação fóbica no intuito de delimitar a angústia em excesso. A saída encontrada escolhia um objeto na realidade que dava contorno para a angústia, uma vez que ela se ligava a ele.

Hans podia, assim, localizar a angústia sob o nome cavalo e evitá-la. Em consequência desta necessidade de manter a angústia afastada, elaborou e traçou circuitos que serviam de meios para instaurar proibições e impedimentos, funções inerentes ao pai interditor.

Encerramos este capítulo, apresentando o ponto “Duas manifestações do real”, onde localizamos duas situações que se apresentam a *Hans* como algo sem-sentido, e para os quais teve que encontrar respostas diferentes daquela que já havia encontrado, ou seja, de ocupar a posição de falo imaginário da mãe.

“Variações em torno da metáfora paterna” é o título do terceiro capítulo, onde estabelecemos uma distinção entre a metáfora como substituição significante, e as operações observadas no caso *Hans*. Estas consistem em nomeações (nos casos da metáfora paterna e catacrese) para o desejo da mãe, ainda não significado, e para o qual não há ainda representante. Na metáfora paterna, o pai se superpõe ao desejo da mãe como uma primeira organização para isto que não tem forma, e na catacrese, figura de linguagem, encontramos uma forma de ilustrar a nomeação para algo que não tem uma palavra própria para ser designada. A última variação consiste nos mitos, que delimitam o real a partir da criação de histórias incluindo um intervalo, um furo.

As três formas citadas foram escolhidas para demonstrar a particularidade da fobia, onde se tornava urgente a nomeação e a delimitação do real a fim de conter a angústia e localizar a falta.

Por último, o capítulo “Angústia e segredo”, retoma mais uma vez o fio condutor desta dissertação, a angústia, mas desta vez, sob um outro ângulo, relacionando- a ao objeto destituído de representação e esvaziado de significação, o objeto *a*.

A angústia aparece frente ao nada, como o objeto *a* é um objeto que tem afinidades com o nada, pode-se dizer que ele é invisível e está presente na angústia (Miller: 1995:94).

Para isso, localizamos através da incidência do pai simbólico um ponto desprovido de sentido, para dar lugar a falta. Desta forma, elucidamos a passagem do objeto da realidade, o cavalo no caso *Hans*, meio significante para delimitar a angústia, para o objeto *a*, objeto este sem significação possível.

Chegamos ao ponto que nos guiou até aqui, ou seja, de que a angústia ocorre quando a falta á apagada, obturada. Escolhemos alguns exemplos, tal como o conto de E.T.A Hoffmann, “O Homem de Areia” (1817), onde os olhos retirados do corpo e postos em cena, levam o personagem Natanael à loucura. Esta é a presença do objeto *a* em cena – isto que angustia.

A mancha no quadro de “Os Embaixadores” de Hans Holbein, também figura tal objeto em cena, caso seja visualizado em primeiro plano.

Por fim, concluímos com o segredo, articulação em relação ao objeto *a*, derivada da depuração do conceito *unheimlich* de Freud (1919), que remete a algo que deve ser preservado. É preciso que haja uma localização para o segredo a fim do objeto não vir no lugar da falta. Questionamos o estatuto do segredo na fobia. Como é possível localizar este ponto vazio? Como é possível pensar o segredo na fobia?

Escolhemos a seguinte passagem de Clarice Lispector, pois a consideramos traduzir o percurso de escrita do presente texto. Tecemos considerações teóricas contidas nos textos de Freud e Lacan, com a contribuição da alguns outros autores; apresentamos conceitos e suas articulações e culminamos no objeto, cuja essência inapreensível nos levou a criar e inventar formas de escrever sobre este “algo” sem representação e sem sentido, e ressaltamos, por último, a importância de sua localização.

Hoje acabei a tela de que te falei: linhas redondas que se interpenetram em traços finos e negros, e tu, que tens o hábito de querer saber por que – e porque não me interessa, a causa é matéria de passado - perguntarás por que os traços negros e finos? É por causa do mesmo segredo que me faz escrever agora como se fosse a ti, escrevo redondo, enovelado e tépido, mas às vezes frígido como os instantes frescos, água do riacho que treme sempre por si mesma. O que pintei nessa tela é passível de ser fraseado em palavras? Tanto quanto possa ser implícita a palavra muda no som musical (Lispector, 1998: 10-11).

Capítulo 1. Destinos do afeto

1. Considerações iniciais

Elaborações sobre o afeto demarcam um extenso percurso na construção teórica da psicanálise por Freud e muitas são suas modificações ao longo desta. Inicialmente, dividiu as neuroses em adquiridas ou hereditárias, ressaltando o aspecto de uma origem que poderia ser localizada, ou então, ao menos justificada (no caso da neurose hereditária). A origem da primeira era consequência de uma perturbação na vida sexual do paciente, ao passo que na segunda a excitação sexual era herdada.

De acordo com a concepção daquela época sobre a excitação ou afeto sexual, Freud confirma: “Afeto sexual, naturalmente, é tomado no seu sentido mais amplo, como uma excitação de quantidade definida” (Freud, 1893 a: 223).

Assim, a histeria era produto da descarga do afeto de origem sexual, devido ao acúmulo de grande quantidade de excitação. Esta descarga resultava na conversão como veremos mais adiante. De forma similar, mas desta vez pela via do deslocamento, a neurose obsessiva era resultado do mesmo processo de descarga do afeto acumulado.

No entanto, um terceiro destino, distinto dos já mencionados, destaca-se por uma nova particularidade. Trata-se da neurose de angústia, na qual a excitação sexual acumulada não era descarregada, mas sim transformada diretamente em angústia. Ou seja, o afeto da excitação sexual transformou-se em angústia.

Um ano mais tarde, no Manuscrito E (1894 b), Freud diz que o *coitus interruptus* conduziria à neurose de angústia, confirmando sua formulação sobre o acúmulo de tensão física sexual não descarregada. Tanto o aspecto quantitativo de afeto sexual, quanto a localização na esfera física, definem esta primeira consideração sobre os afetos e seus destinos.

As fontes de excitação desdobram-se em exógenas, ou seja, são provenientes do meio externo, e em endógenas, do meio interno. Nestas, as fontes

se situam dentro do corpo do próprio indivíduo, determinadas pelos agentes assim enumerados: a fome, a sede e a pulsão sexual.

Um novo aspecto é acrescentado à tensão física. Caso exceda um certo limiar, ela passa a ter significação psíquica, que entra em contato com determinados grupos de idéias, a fim de buscar soluções para o afeto (Freud, 1894 b: 238).

Com a formulação da histeria de conversão e da neurose obsessiva (apresentada a seguir), veremos a importância da relação entre as idéias e o afeto. Nestas duas formas defensivas, a idéia ou representante psíquico será desligado da consciência, permitindo um novo destino para o afeto.

No entanto, a neurose de angústia é determinada por uma peculiaridade no que tange ao destino da angústia, pois esta, como vimos, é resultado de uma transformação direta do afeto.

Contudo, na neurose de angústia, essa transformação de fato ocorre, o que sugere a idéia de que, nessa neurose, as coisas se desvirtuam da seguinte maneira: a tensão física aumenta, atinge o nível do limiar em que consegue despertar afeto psíquico, mas, por algum motivo, a conexão psíquica que lhe é oferecida permanece insuficiente: um afeto sexual não pode ser formado, porque falta algo nos fatores psíquicos. Por conseguinte, a tensão física, não sendo psiquicamente ligada, é transformada em angústia (Freud, 1894 b: 238).

Nosso objetivo nestas considerações iniciais sobre o afeto consiste em localizar a angústia como afeto e ressaltar sua ausência de conexão psíquica.

Supomos, então, que haja uma estreita relação entre angústia e ausência de representação psíquica.

Como a angústia mostra-se prevalente na fobia, há uma importante diferença entre a fobia, a histeria de conversão e a neurose obsessiva, visto que se observa nesta primeira, a transformação direta do afeto em angústia. Para tanto, no texto “As neuropsicoses de defesa” (1894 c), Freud considera a fobia uma neurose de angústia.

2. As neuropsicoses de defesa

Nosso próximo passo é abordar uma outra formulação de Freud sobre o afeto e a representação, na qual uma incompatibilidade na vida representativa torna-se motivo para que o eu afaste a representação do afeto.

Esses pacientes que analisei, [...], gozaram de boa saúde mental até o momento em que houve uma ocorrência de incompatibilidade em sua vida representativa-isto é, até que seu eu se confrontou com uma experiência, uma representação ou um sentimento que suscitaram um afeto tão aflitivo que o sujeito decidiu esquecê-lo, pois não confiava em sua capacidade de resolver a contradição entre a representação incompatível e seu eu por meio da atividade de pensamento (Freud, 1894 c: 55).

De acordo com esta passagem, representações incompatíveis com o eu localizadas na vida de um paciente determinam os estados de saúde, ou estados patológicos dos mesmos. Fazia-se necessária a resolução de tal contradição, livrando o eu deste estado aflitivo, assim como também a resolução do estado considerado patológico, e Freud destacou como uma das soluções para resolver esta incompatibilidade o esquecimento do representante indesejável.

Visando restabelecer um suposto estado de normalidade, Freud considerou tais soluções defesas contra os representantes psíquicos incompatíveis, as quais denominou de neuroses histérica e obsessiva e psicose alucinatória.¹

Neste mesmo texto de 1894, Freud atribuiu ao eu a realização da importante tarefa de transformar uma representação forte em uma representação fraca, retirando-lhe o afeto que causava desprazer.

A neurose histérica, por sua vez, desdobrou-se em histeria de defesa e em histeria hipnóide, e a neurose obsessiva em histeria de retenção. Um ano mais tarde, em “Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa” (1896), tais neuroses foram respectivamente chamadas de fobia, histeria de conversão e neurose obsessiva.

¹ Optamos por não desenvolver a psicose alucinatória, apontada por Freud como uma das neuropsicoses de defesa, por fugir à nossa questão, uma vez que nesta defesa, o afeto não é separado da representação. Segundo Freud, “o eu rejeita a representação incompatível juntamente com seu afeto e se comporta como se a representação jamais lhe tivesse ocorrido” (Freud, 1894 c: 64).

Havia um mecanismo comum para estes três estados que ocorriam em um determinado momento da vida do paciente. Este mecanismo consistia na tentativa de encontrar uma solução que garantisse o afastamento de um conteúdo impossível de ser simbolizado, denominado de “conteúdo incompatível” na vida representativa do paciente, da consciência. Esta tarefa era realizada pelo eu, e tinha como finalidade defender o sujeito da representação incompatível.

Mas segundo Freud, este poder atribuído ao eu fracassava de forma que, manter o conteúdo indesejável distante da consciência só acontecia de forma parcial.

Vejamos a construção de Freud:

A tarefa que o eu se impõe, em sua atividade defensiva, de tratar a representação incompatível como “*non-arrivé*”, simplesmente não pode ser realizada por ele. Tanto o traço mnêmico como o afeto ligado à representação, lá estão de uma vez por todas e não podem ser erradicados. Mas uma realização aproximada da tarefa se dá quando o eu transforma essa representação poderosa numa representação fraca, retirando-lhe o afeto - a soma de excitação - da qual está carregada (Freud, 1894 c: 56).

Portanto, a solução defensiva limitava-se a desligar a soma de excitação da idéia conflitante, ou seja, o afeto, através da conversão histérica, do deslocamento na neurose obsessiva ou da transposição do afeto a um objeto externo na fobia.

2.1 Histeria e neurose obsessiva

A partir da tentativa de desligamento do excedente de excitação comum às três defesas, os caminhos se bifurcam. Na histeria, a representação incompatível é armazenada pela transformação da soma de excitação em algo somático. A excitação ligada à idéia em conflito com a consciência, uma vez separada da mesma, liga-se a uma parte do corpo. Freud atribui a esta capacidade de conversão o fator característico da histeria. Uma vez que a excitação está livre, é investida no corpo, desligando-se da idéia incompatível associada a ela. Freud atribuiu a esta capacidade de conversão o fator característico da histeria.

No caso da neurose obsessiva, a representação incompatível separada do afeto tem outra direção. O afeto permanece na esfera psíquica e a representação

enfraquecida persiste na consciência, separada de qualquer associação. A ligação entre o afeto e a representação incompatível é desfeita e em seu lugar uma nova ligação é criada, denominada de “falsa ligação” (Freud, 1894 c: 59). Esta traz em si uma defesa possível e aparentemente satisfatória, pois o afeto, uma vez livre, liga-se a outras representações que não são incompatíveis em si mesmas. O sujeito fica livre da ligação conflitante, encontrando a via de uma falsa ligação.

De acordo com o mecanismo descrito, Freud argumenta que “o afeto da obsessão, [...] parece-lhe estar desalojado ou transposto [...]” (Freud, 1894 b: 60). Esta característica principal parece confirmar o sucesso da defesa obtida por este mecanismo, pois “elas se mostram perfeitamente justificadas”.

No entanto, “o caráter aflitivo das representações obsessivas comuns é um problema tanto para o médico quanto para o paciente” (Freud, 1894 c: 60), devido ao caráter contínuo do trabalho necessário ao eu para manter afastada a idéia conflitante.

Assim, constatamos que na histeria e na obsessão são criadas soluções apaziguadoras para as idéias indesejáveis a fim de tentar defender o eu, e reorganizar a quota de afeto e a idéia incompatível, com certo sucesso.

No entanto, Freud argumenta que a histeria é mais vantajosa para o eu, pois nela, a excitação psíquica é transposta em inervação somática. Na obsessão, o afeto permanece inalterado e somente isolado da memória. A idéia não foi alterada, apenas mantida longe da consciência. Ao obedecer aos atos obsessivos o paciente isenta-se da quota de afeto descolada da idéia ou representação aflitiva. Mas se, caso contrário, não cumprir com as exigências, a idéia volta a afetar o eu.

Mas ainda resta a fobia como terceira forma de defesa, como veremos a seguir.

2.2 A fobia: uma defesa específica

Se as fobias e obsessões são desacompanhadas dos notáveis sintomas que caracterizavam a formação de um grupo psíquico independente na histeria, isto é, sem dúvida porque, em seu caso, toda a alteração permanece na esfera psíquica, e a relação entre a excitação psíquica e a inervação somática não sofreu qualquer mudança (Freud, 1894 c: 61).

A histeria, de fato, parece ser a defesa mais bem sucedida, ao passo que a obsessão e a fobia se caracterizam por manter inalterada a relação entre a energia psíquica e a inervação somática.

É a partir daqui que daremos início à discussão que serve como ponto central para a nossa hipótese, a saber, a de que a fobia, por apresentar uma forte ligação com a angústia, retrata de forma exemplar uma defesa bastante específica. Seu processo defensivo não obtém o êxito de manter afastado o perigo que Freud, neste momento, chamava de representação incompatível. A fobia é marcada por um “estado emocional de angústia” (Freud, 1895 [1894] a: 85). Seguindo o desenvolvimento cronológico dos textos, “Obsessões e Fobias” (1895 [1894]), escrito após “As neuropsicoses de defesa” (1894 c), é possível reconhecer a transformação da elaboração de Freud a respeito da fobia.

Enquanto de início as obsessões e fobias eram aproximadas, em um segundo momento, Freud afirma que o “mecanismo das fobias é totalmente diferente do das obsessões” (Freud, 1895 [1894] a: 85). Na fobia, não há nenhuma substituição de uma representação incompatível.

A precária defesa deixa transparecer um excesso de angústia que não se associa a nenhuma lembrança, ou melhor, ela não deriva de qualquer lembrança como na histeria e na obsessão.

A partir desta nova constatação, e sempre atento em organizar suas construções teóricas, Freud classifica a fobia como uma neurose de angústia. Isto a localiza no grupo das neuroses, devido a sua origem sexual, ou seja, ela se origina, assim como a histeria e a obsessão, de um acúmulo da tensão sexual.

O afastamento das tensões psíquica e somática interfere nas considerações acerca das assim denominadas neuroses de angústia. Nelas, é no corpo que se manifesta o afeto de angústia, este que aparentemente não se associa ou não se liga a nenhuma idéia conflitante, ou seja, o afeto não tem origem em nenhuma tensão de origem psíquica. Isto demarca uma importante diferença com relação à manifestação do afeto no corpo, - no caso da fobia e na histeria conversiva -, pois nesta última, o sintoma é resultado de um conflito psíquico. Na fobia, manifesta-se como afeto de angústia.

Na neurose de angústia (fobia), observa-se, então, a ação do acúmulo de excitação e a pouca participação psíquica, ou melhor, a ausência de origem psíquica.

De acordo com Freud,

[...] a diferença está apenas em que, na neurose de angústia, a excitação em cujo deslocamento a neurose se expressa, é puramente somática (excitação sexual somática), ao passo que, na histeria, ela é psíquica (provocada por um conflito) (Freud, 1895 [1894] b: 115).

Como os estados de angústia surgem de forma espontânea e inesperada, mediante um acúmulo de excitação sexual², a solução encontrada pela fobia se difere das demais neuroses pelo fato da angústia se ligar a um conteúdo representativo definido externamente, contudo, sem sofrer o efeito de substituição. “Portanto, o mecanismo da substituição não é válido para as fobias da neurose de angústia” (Freud, 1895 [1894] b: 99).

Portanto, de acordo com esta primeira articulação sobre a angústia, observamos que esta se origina do acúmulo de energia descarregado. Acrescido dos fatores da ausência de substituição oriunda do conflito psíquico e da ausência de representação psíquica, somamos nesta aproximação do início da obra de Freud, alguns fatores importantes para a articulação da angústia com a fobia.

2.3 O que escapa à defesa

Segundo Freud, o processo de defesa que se ergue para proteger o eu de uma representação incompatível na conversão e no deslocamento é bastante simples: a representação é separada do afeto ligado a ela. Uma vez que o afeto está livre desta representação, ele é transformado pela soma de excitação sexual em algo somático (no caso da conversão) ou esta soma de afeto permanece na esfera psíquica (de acordo com o mecanismo mais ligado à neurose obsessiva) – o afeto encontra um destino no corpo ou numa falsa idéia (falsa ligação).

Acrescentemos a isto, que Freud reúne a histeria de conversão, a obsessão e as fobias pelo fato de suas representações serem de origem sexual.

² Freud define estes estados de tensão sexual relacionando-os às excitações menstruais, a abstinência sexual, entre outras que, ao se acumularem ou se intensificarem, gerariam angústia sob forma de descarga (Freud, 1895 [1894] b: 101-102).

No entanto é preciso que aprofundemos nosso exame do processo defensivo da fobia a fim de investigarmos o que a diferencia das demais defesas.

Neste caso, o afeto de origem sexual não se associa a nenhuma representação. Vale notar que nesta época Freud localiza o início da neurose a partir de idéias, ou seja, representações dotadas de conteúdo. Constata, porém, que a fobia é destituída de um representante, apesar de originar-se da pulsão sexual, assim como a histeria e a obsessão, fato que a caracteriza como neurose de angústia. Ao invés da transposição do afeto como nas neuroses descritas acima (através dos mecanismos de conversão e de deslocamento), ocorre a transformação do afeto em angústia, sem qualquer alteração (Freud, 1895 [1894] b: 99).

Desta forma, segundo Freud, a sintomatologia da neurose de angústia decorre de um acúmulo de excitação de uma quantidade de angústia em estado de livre flutuação que por fim, resulta no ataque de angústia, e para o qual nenhuma representação está associada (Freud, 1895 [1894] b: 95).

3. Sintoma como formação de compromisso

No ano de 1896, em “Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa”, os sintomas são redefinidos, a partir de duas novas considerações referentes à defesa: o recalque e os “sintomas de compromisso” (Freud, 1896 b: 171).

No entanto, ambos os processos defensivos encontram-se entrelaçados. Nos ditos sintomas de compromisso (neste momento da obra de Freud, relacionados especificamente aos sintomas obsessivos) observa-se o retorno do recalcado, fato que revela um certo fracasso da defesa. Em resposta, o eu cria meios de afastar novamente a representação incompatível, criando sintomas classificados como “defesa secundária” (Freud, 1896 b: 171).

Segundo Freud, “tudo isso constitui ‘medidas protetoras’ que já prestam bons serviços na luta contra as representações e afetos obsessivos” (1896 b: 172).

Mais tarde, em 1900, Freud formula o termo “formação de compromisso”, meio pelo qual o recalcado irrompe na consciência, com a particularidade de

retornar de forma alterada. A formação de compromisso resulta, então, em uma espécie de acordo entre aquilo que não pode permanecer na consciência e sua representação.

Tanto o sonho quanto o sintoma são considerados formações de compromisso, e de acordo com Freud:

Assim como todas as outras formações psíquicas da série da qual é membro, ele [o sonho] constitui uma formação de compromisso: serve a ambos os sistemas, uma vez que realiza os dois desejos enquanto forem compatíveis entre si (Freud, 1900: 607).

Portanto, os sonhos e os sintomas consistem em soluções contra aquilo que não pode ser mantido consciente. A formação de compromisso como solução para a idéia indesejável, faz com que esta se mantenha afastada para que o afeto encontre uma nova ligação, ou seja, uma saída que torne possível a existência de pensamentos lado a lado.

Tais pensamentos contraditórios não poderiam permanecer juntos se não fosse por meio de uma medida reguladora de duas tensões, aquela que insiste em retornar e a que age a favor do esquecimento. O sintoma como formação de compromisso é, então, formado por duas forças opostas.

Para Freud, o sintoma, assim como o sonho - esta outra formação psíquica - é produto de pensamentos contraditórios. No entanto, o que mantém compatível essa contradição é a formação de compromisso, isto que facilita o recalque por meio de uma alteração da idéia incompatível. Em relação ao sonho, Freud diz que,

Poder-se-ia supor que a condensação e a formação de compromisso só se dão para facilitar a regressão, isto é, quando se trata de transformar pensamentos em imagens. [no caso do sonho] (Freud, 1900: 623).

Os conteúdos diurnos apóiam-se em desejos infantis³ alterados. “Verificamos que isto se aplica ao conteúdo do sonho, que expressa os pensamentos oníricos numa forma alterada pela distorção” (Freud, 1900: 616). Da mesma forma ocorre também uma alteração no sintoma.

Neste caso, o recalque ocorre mediante o afastamento de idéias ou representações incompatíveis. O afeto se condensa e é alterado, ligando-se ao

³ “Nossa teoria dos sonhos encara os desejos originários do infantil como a força propulsora indispensável para a formação dos sonhos” (Freud, 1900: 616).

corpo, como é possível constatar no sintoma histórico de *Elizabeth von R.*, que sofria de dores nas pernas e tinha dificuldade de andar (Freud, 1893:161). Neste caso, o afeto teve seu destino alterado para o corpo.

Sendo assim, tanto o trabalho do sonho quanto o trabalho da atividade psíquica dos sintomas assemelham-se devido a um tratamento anormal ao qual são submetidos. Segundo Freud,

Quando eles [os pensamentos racionais] se impõem à nossa atenção em determinado ponto, descobrimos pela análise do sintoma produzido, que esses pensamentos normais foram submetidos a um tratamento anormal: foram transformados no sintoma por meio da condensação e da formação de compromisso, através de associações superficiais e do descaso [*Deckung*]⁴ pelas contradições, e também, possivelmente, pela via do recalque (Freud, 1900: 624).

No entanto, uma falha na defesa do conteúdo incompatível à consciência pode ocorrer, fazendo retornar aquilo que fora afastado. A regulação entre estas duas forças opostas, as recaladoras e as que insistem em retornar nem sempre encontra um equilíbrio estável, e o desconforto de uma idéia que deve ser mantida afastada emerge, desconcertando o sujeito.

A hipótese freudiana prevalente neste momento da teoria privilegia a concepção de um conteúdo que fora esquecido na vida infantil, recalcado, por ser desagradável. Desta forma, há a suposição de que este conteúdo possa ser acessado pelo sujeito em análise. A técnica analítica faria o paciente lembrar o que foi recalcado a partir das manifestações sintomáticas.

A teoria se encontra num momento em que se privilegia a formação de sintomas em termos econômicos. O incômodo no sintoma é, então, consequência do acúmulo da intensidade de excitação, que gera desprazer e angústia. Neste sentido a formação de compromisso não descarta o fator de um *quantum* de energia se acumular e ser descarregado como angústia.

Seguindo esta linha de pensamento, como é possível considerar a fobia uma formação de compromisso, visto que ela não deriva de nenhum representante/idéia psíquico?

⁴ Lemos o termo “descaso” desta citação, de acordo com o que estamos desenvolvendo neste presente texto, ou seja, como impossibilidade de manter representantes ou idéias incompatíveis conscientes. O termo em alemão *Deckung* (Freud, 1900:603), quer dizer encobrimento, ou seja, os pensamentos racionais não se encontram à disposição.

4. O recalque

Como vimos, as neuropsicoses de defesa e as formações de compromisso são soluções para afastar uma idéia indesejável da consciência. Vejamos o que ocorre no processo de recalçamento, descrito em 1915, quando Freud enumera dois momentos inerentes a este processo. Ele supõe que existe um recalque primeiro, uma primeira fase que nega ao representante psíquico da pulsão a entrada no consciente. Este processo até então apenas afastou uma idéia incompatível (representante pulsional) da consciência, mas a mantém inalterada e ligada à pulsão (Freud, 1915: 153).

A segunda fase é denominada de recalque propriamente dito, que “afeta os derivados mentais do representante recalçado, [...]” (Freud, 1915: 153), alterando-os. No entanto, estes representantes continuam no inconsciente, mesmo alterados.

Sob a influência do estudo das psiconeuroses, que coloca diante de nós os importantes efeitos do recalque, inclinamo-nos a supervalorizar sua dimensão psicológica e a esquecer, demasiado depressa, o fato de que o recalque não impede que o representante pulsional continue a existir no inconsciente, se organize ainda mais, dê origem a derivados, e estabeleça ligações. Na verdade, o recalque só interfere na relação do representante pulsional com um único sistema psíquico, a saber, o do consciente (Freud, 1915: 154).

O recalque consiste assim em um processo defensivo, no qual o conteúdo indesejável é retirado da consciência. Contudo, sua força continua agindo, mas descolada de seu representante.

No entanto, nem mesmo o recalque soluciona totalmente o conflito entre consciente e inconsciente, pois existem duas forças opostas, aquelas que promovem o recalque e aquelas que insistem em fazer retornar o representante pulsional, movidos pela quota de afeto que persiste. Nosso enfoque se dirige a esta última força, cuja consequência perturba e desconcerta. Deste processo de recalçamento algo não pôde ser afastado e solucionado por inteiro, gerando desprazer.

Este resto pulsional, persistente apesar do recalçamento das idéias indesejáveis é denominado por Freud, nesta época, de angústia ou libido transformada (Freud, 1905).

Segundo Freud,

O fator quantitativo do representante pulsional possui três vicissitudes possíveis, tal como poderemos verificar pelo breve exame de observações feitas pela psicanálise: ou a pulsão é inteiramente suprimida, de modo que não se encontra qualquer vestígio dele, ou aparece como um afeto que de uma maneira ou de outra é qualitativamente colorido, ou transformado em angústia. As duas últimas possibilidades nos apontam a tarefa de levar em conta, como sendo uma vicissitude pulsional ulterior, a transformação em afetos, e especialmente em angústia, das energias psíquicas das pulsões (Freud, 1915:158).

Ao distinguir as três características importantes do recalque, Freud ressalta que uma das vicissitudes é a transformação das energias psíquicas da pulsão em afeto de angústia.

A partir desta passagem acima, é possível reconhecer em Freud um restante da quota de afeto do representante pulsional, que aparece sob forma de afeto de angústia.

Vieira utiliza a expressão “moeda corrente” para definir a angústia como um afeto que pode ser transformado em qualquer outro afeto. Diferentemente da conversão e do deslocamento,

a transformação, porém, é uma noção nova. Freud opera aí, explicitamente, com a noção de transformação, de mutação da energia psíquica. A angústia ganha, assim, um espaço singular com relação aos afetos. Ela aparece como ‘moeda corrente’, dado que todo afeto pode se transformar em angústia e, finalmente, aparece como resultado de uma transformação de uma energia em outra (Vieira, 2001:54).

Se o afeto de angústia é moeda corrente é porque, como Freud mesmo afirma, não há representante psíquico para se ligar à ela.

Mais uma vez a defesa não garante ser uma solução absoluta, falhando em manter totalmente afastada a idéia ou a representação pulsional.

Examinaremos agora algumas diferenças entre duas psiconeuroses, a histeria de angústia e a histeria de conversão. Na primeira, seguindo nosso desenvolvimento, o afeto desligado do representante pulsional não sofre qualquer alteração, transformando-se em angústia, que se localiza, por exemplo, no medo de animais, como veremos mais adiante no caso *Pequeno Hans*. O recalque na histeria de conversão, segundo Freud, é mais bem sucedido, dando um destino

para a quota de afeto no corpo. A angústia não aparece de forma tão evidente quanto na histeria de angústia.

A expressão *la belle indifférence des hystériques* (Freud, 1915:160) descreve o estado da histérica em relação a seu sintoma, onde parece não ter sobrado um resto angustiante. Segundo esta formulação, o sintoma transforma tão bem o afeto e soluciona a idéia incompatível, ao ponto de pacientes que sofreram tal processo não reconhecerem em si nenhum motivo de sofrimento psíquico ligado à angústia.

O sintoma conversivo da histeria é fruto de uma substituição: a quota de afeto do representante pulsional passa para uma inervação somática ou motora e esta área superinervada atrai para si toda a energia do afeto (Freud, 1915:160).

Podemos concluir a partir deste importante texto freudiano que, neste momento, o êxito do recalque consiste em solucionar parte da quota de afeto ligada ao representante pulsional.

Neste sentido, a histeria de conversão destaca-se pela solução que transfere a inconveniência da idéia incompatível para o inconsciente, ao passo que na histeria de angústia nem mesmo é possível distinguir ou localizar a idéia. Seu mecanismo, a princípio, restringe-se em transferir a angústia para objetos externos.

5. O sintoma fóbico

Vejamos agora a leitura do sintoma fóbico do caso *Hans*, realizada por Freud em “Inibição, sintoma e angústia” (1925[1926]), que encontrou a solução pela via da formação sintomática para resolver o conflito entre duas moções pulsionais; o amor e o ódio em relação a seu pai.

O sintoma fóbico de *Hans* apresenta-se como uma tentativa de responder a este conflito. Encontrava-se em um momento edípico, no qual apresentava uma

atitude ciumenta e hostil em relação ao pai, a quem, não obstante- salvo até onde a mãe dele era a causa de desavença, amava ternamente. Aqui, então, temos um conflito devido à ambivalência: um amor bem fundamentado e um ódio não menos justificável dirigidos para a mesmíssima pessoa (Freud, 1925 [1926]: 104).

Diante desse conflito de duas pulsões, amor e ódio, o ódio é recalcado, ou seja, retirado da consciência.

Freud afirma que podemos falar em uma neurose neste caso, porque houve uma substituição, a do pai por um cavalo. O sentimento hostil que não pode permanecer consciente devido à ambivalência é substituído por outro objeto, a saber, o cavalo. Agora é a este objeto escolhido por *Hans* que a hostilidade pode ser ligada.

Mas Freud argumenta também, que se o deslocamento fosse somente do pai para o cavalo, teríamos que supor que *Hans* apresentasse uma certa hostilidade em relação aos cavalos a partir do efeito do recalque.

[...] se *Pequeno Hans* realmente se houvesse comportado assim em relação aos cavalos, isto significaria que o recalque não havia de forma alguma alterado o caráter de seu próprio impulso pulsional objetável e agressivo, mas somente o objeto para o qual estava dirigido (Freud, 1925 [1926]: 104).

De acordo com o caso, a hostilidade recalcada foi transformada em seu oposto, ou seja, ao invés de *Hans* expressar sua agressividade contra o pai, ela fora alterada sob um deslocamento de objeto, o cavalo, voltando-se contra ele. O medo de ser mordido pelo cavalo surge deste deslocamento e desta transformação da agressividade.

Freud justifica assim, a formação do sintoma fóbico como uma tentativa de solucionar um conflito entre duas moções pulsionais. Isto se dá através do recalque da agressividade dirigida ao pai ocasionado por um conflito impossível de ser mantido consciente.

Ser mordido por um cavalo é a transformação do afeto oriundo do ódio proibido em seu oposto. Ele deve temer o cavalo, que o ameaça morder. *Hans* resolve com o recalque o conflito e a ambivalência que esta idéia representava.

Uma vez descrito o processo da solução sintomática, chama-nos atenção o que vínhamos nos questionando desde o início, o fato do medo excessivo de *Hans* diante dos cavalos e a angústia despertada no encontro com este animal (objeto).

Se o afeto já fora transformado e o objeto deslocado, deveríamos supor a resolução da idéia incompatível (o ódio dirigido ao pai) bem sucedida graças à solução sintomática.

Mas a solução fóbica, como apontamos desde o início, exemplifica de modo bastante particular a precariedade da defesa pelo sintoma, por não solucionar a angústia, pois *Hans* vê-se obrigado a evitá-la, mantendo-se afastado dos cavalos.

Manter-se protegido do perigo significa, neste momento, manter-se afastado de um objeto externo e presente em seu meio, pois a angústia está ligada diretamente ao mesmo.

É também em “Inibição, sintoma e angústia”, (1925 [1926]), que Freud apresenta considerações sobre os dois casos de fobia analisados por ele: *Pequeno Hans* (1909) e *Homem dos Lobos*⁵ (1918 [1914]).

Neste momento, reformulará a teoria da angústia, atribuindo a ela um novo papel, ligado agora à castração.

Aqui, então, está o nosso inesperado achado: em ambos os pacientes a força motriz do recalque era o medo de castração. As idéias contidas na angústia deles – a de ser mordido por um cavalo e a de ser devorado por um lobo⁶ – eram substituídos, por distorção, da idéia de serem castrados pelo pai. Esta foi a idéia que sofreu recalque (Freud, 1925 [1926]: 110).

O medo de castração aparece como um medo associado a uma ação externa, por exemplo, como temor de ter o órgão genital cortado fora.

A angústia muda de estatuto, uma vez que passa a estar ligada ao agente da castração. De acordo com Freud,

O afeto de angústia, que era a essência da fobia, proveio, não do processo do recalque, não dos investimentos libidinais da pulsão recalcada, mas do próprio agente repressor (Freud, 1925 [1926]: 110).

A particularidade do caso *Hans* reside no fato de que a ameaça de castração fez com que ele encontrasse uma solução sintomática que, no entanto, permaneceu um “medo realístico” (Freud, 1925 [1926]: 110), - ser mordido pelos cavalos.

Apesar da substituição do pai pelo cavalo, persistia um medo constante diante dos cavalos. Como solução para este excesso de angústia, a eleição do

⁵ “Parece-me que em ambos os casos podemos detectar qual foi a força motriz do recalque e podemos consubstancializar nosso ponto de vista sobre sua natureza a partir da linha de desenvolvimento que as duas crianças subsequentemente seguiram” (Freud, 1925 [1926]: 110).

⁶ Cf. Freud, “Homem dos Lobos” (1918 [1914]).

cavalo trazia a importante função de circunscrever por meio de circuitos elaborados pelo menino, uma interdição que, no entanto, permanecia no meio externo. *Hans* criou estratégias que definiam algumas proibições.

Produz-se assim, a possibilidade de uma nova leitura a respeito do sintoma como solução. Trata-se de uma solução para a angústia de castração e não mais de uma solução defensiva para a idéia incompatível.

6. Reformulação da teoria da angústia

A importante reformulação, ponto de virada da teoria freudiana, que reescreve a relação do sintoma com a angústia, Freud indica que: “foi a angústia que produziu o recalque e não, como eu anteriormente acreditava, o recalque que produziu a angústia” (Freud, 1925 [1926]: 111).

Ressaltamos o papel prévio da angústia para a formação de sintomas e constatamos que a fobia, assim como as outras formações, têm como base ou como origem a angústia.

Em “Inibição, sintoma e angústia”, porém, a angústia muda de papel. Se ela era produzida, como vimos até então, a partir de um acúmulo de energia pulsional, ela passa agora a produtora ou motor da formação sintomática, mas não mais em termos econômicos. Ou seja, é a partir da angústia que os sintomas serão formados, movidos por um perigo ou temor a castração.

A passagem da teoria da angústia e dos afetos em termos econômicos para esta nova concepção da angústia, permite importantes transformações. Estas consistem na reformulação de aspectos da formação de sintomas; estes que antes se erguiam como defesas a fim de proteger o eu da representação indesejável, associada a um trauma localizável.

Agora que a angústia passa a ocupar outro estatuto por ser destituída de qualquer conteúdo, remete a algo não mais localizável. O sintoma vem, então, como tentativa de simbolizar algo que não é apreensível. Assim, a resposta sintomática não poderá solucionar a angústia por inteiro. Algo dela sempre restará.

A revolução em “Inibição, sintoma e angústia” é trazer a angústia como um dado estrutural, que já estava lá, mas não como uma idéia ou conteúdo. A angústia não se encarna, a não ser como um afeto perturbador, destituído de significação, não quantificável, e que não confere à existência de uma representação. Trata-se muito mais de uma angústia “originária”.

A angústia será um afeto que remete ao desamparo, no qual a criança separada da mãe não pode existir, pois necessita dela para tecer, na sua relação com a mãe como Outro⁷, uma rede significativa que construirá sua própria realidade.

Desta forma, também a angústia ligada à ameaça de castração muda de estatuto, uma vez que a angústia remete a uma indefinição de sua suposta origem. A ameaça não pode mais ser ligada ao objeto, como por exemplo, o pai encarnado como agente da castração. Remete, pois, a uma angústia originária.

7. Do pai como perigo ao pai como função

De acordo com o desenvolvimento de Freud em “Inibição, sintoma e angústia” (1925[1926]), os sintomas se formam a fim de evitar a angústia. Ou seja, para haver sintoma, deve haver primeiramente angústia. Desta forma, o que põe em movimento a formação de sintomas passa a ser a angústia, e não mais, como se pensava anteriormente, a incompatibilidade de idéias.

Tentamos evidenciar em nosso desenvolvimento até o presente momento, e principalmente no caso de fobia de *Hans*, que a angústia nunca é totalmente contornada, nem mesmo com a medida pela via da solução sintomática.

Neste caso clínico que optamos discutir, o perigo consistia no temor de castração, ou seja, no temor de ser repreendido pelo pai devido ao sentimento de hostilidade contra ele. Tratava-se, portanto, de um perigo localizado e externo ao sujeito.

⁷ Entendamos o Outro como alteridade (Lacan, 1954-55:297), de onde provém as primeiras nomeações significantes.

No entanto, a angústia não se liga a nenhum objeto. No próprio termo alemão *Angst*⁸, é possível constatar que a angústia não se vincula a um objeto, ela não se aprisiona ao mundo dos objetos e à significação.

Consideramos, desta forma, que Freud já apontava para a concepção de um perigo pulsional, destituído de localização e representação. Portanto, o pai como ameaça não poderia mais ocupar o lugar do agente da castração como pai encarnado. A angústia passa a ser um afeto que só se pode imaginar como um afeto que já está lá desde sempre, mas sem forma e designação possíveis.

No caso *Hans* é bastante simples localizar a distinção entre medo e angústia, ou seja, aquilo que se liga ao objeto externo (perigo realístico), e aquilo que depende do pai como (perigo pulsional).

8. Um novo estatuto para a angústia: a angústia vazia

A preocupação posterior à reformulação da teoria da angústia, mas ainda em “Inibição, sintoma e angústia”, reside no questionamento de Freud sobre o estatuto da angústia associada a um perigo. Trata-se, de fato, de um perigo? O processo defensivo tenta se defender de que tipo de perigo?

A primeira formulação aproximava o processo defensivo à fuga de um perigo que o ameaçava: a idéia incompatível. Tratava-se de uma proteção egóica, pois o perigo não podia ser mantido consciente. No entanto, tal afirmação não contentou Freud, pois ele passou a considerar que “o processo defensivo é a tentativa de fuga de um perigo pulsional” (Freud, 1925 [1926]: 143).

Com o objetivo de prosseguir na investigação dos perigos pulsionais, Freud deparou-se com um constante limite. Na tentativa de contornar este limite, apostou que na fobia, o medo do pai se associa a um reforço que chama, como veremos, de filogenético o medo de ser castrado (Freud, 1925 [1926]: 114).

⁸ Há uma distinção a ser feita em relação aos termos alemães *Angst*, *Furcht* e *Schreck*. *Angst* e *Furcht* significam medo. No entanto, no primeiro caso não se teme um objeto, enquanto que no segundo o temor é diante de um objeto. Já *Schreck* é a reação, o susto diante do objeto temido. Freud diz que a “angústia neurótica” (não-racional e de caráter excessivo), diferentemente da “angústia realística” (reação à percepção de um perigo externo, e a manifestação do instinto de fuga) é uma espécie de “angústia livremente flutuante, que está pronta para se ligar a alguma idéia que seja de algum modo apropriado a esse fim” (Freud, 1917 [1916-17]: 464).

Freud continuou insistindo em sua busca para encontrar outra definição para a angústia e dialogou com Alfred Adler⁹ e Otto Rank¹⁰.

Segundo Freud, Adler defendia o fracasso das pessoas diante de um perigo devido a uma inferioridade orgânica. Freud prontamente discorda.

Já Rank, com quem Freud dialogou sobre a angústia do trauma do nascimento, considerava que o trauma do nascimento gerava um grau de intensidade que devia ser controlado, ou seja, ab-reagido ao longo da vida adulta dos ditos sujeitos neuróticos.

Considerando o desenvolvimento psíquico (*seelisch*) da criança (...), diremos de forma geral: o homem parece precisar de muitos anos- sua infância inteira- para vencer de forma aproximadamente normal este primeiro e intensivo trauma. Normalmente cada criança se angustia e com uma certa autorização pode-se, do ponto de vista do adulto saudável e comum, designar a infância de cada indivíduo como sua neurose normal que, em determinados indivíduos, os neuróticos, continua na idade madura.(p.14-15) [...] Na investigação precisa dos contratempos, nos quais surge a angústia infantil, pode-se achar que, de fato, o afeto de angústia do ato de nascimento continua agindo de forma pendente. Cada oportunidade, que o lembra de alguma forma - na maioria das vezes simbolicamente - é utilizada para ab-reagir sempre e sempre o afeto não resolvido (*Pavor nocturnus*). Quando se toma seriamente e ao pé da letra a reconhecida origem freudiana do afeto de angústia do procedimento de nascimento - e para isso basta a série das experiências compartilhadas- assim se reconhecerá facilmente como cada manifestação de angústia infantil corresponde a uma resolução parcial da angústia de nascimento (Rank, 1924 c: 20-21¹¹).

Rank localiza no nascimento a primeira situação de perigo que é revivida ao longo da vida do sujeito.

A experiência que toda angústia da criança corresponde à angústia de nascimento (e que cada prazer da criança tende a reconstituição do prazer original intrauterino) (Rank, 1924 c: 22-23).

Além disso, atribui à perda direta do objeto (no caso, a mãe) à situação traumática, uma separação que origina o trauma.

No lugar de inúmeros exemplos com o mesmo e simples mecanismo, examinaremos o caso da típica angústia infantil que começa quando a criança é

⁹ Psiquiatra austríaco (1870-1937), nascido em Viena. Adler associou-se a Freud em 1902. Sua contribuição à psicanálise consiste principalmente no desenvolvimento do termo “complexo de inferioridade”.

¹⁰ Psicanalista da época que escreveu o livro “O trauma do nascimento e seu significado para a psicanálise” em 1924.

¹¹ Todos os trechos utilizados de Rank nesta dissertação são traduções da autora.

deixada sozinha num quarto escuro (na maioria das vezes no quarto de dormir, na hora de dormir). Essa situação remete à criança no ventre da mãe – sendo que, com a importante diferença que a criança está agora separada da mãe de forma consciente, que seu ventre somente aparece substituído simbolicamente pelo quarto escuro ou pela cama quente. O medo desaparece, segundo a brilhante observação de Freud, logo quando a presença (a proximidade) da pessoa amada é tornada consciente novamente (toque, voz, etc...).

Neste simples exemplo, o mecanismo do surgimento da angústia, que para os sujeitos fóbicos retorna quase inalteradamente (claustrofobia, medo de trem, túnel e viagem), deixa-se entender como a reprodução inconsciente da angústia de nascimento, e deixa estudar também, ao mesmo tempo, o real fundamento da simbolização – apesar do significado de estar separado da mãe e o efeito terapêutico apaziguador, mesmo com o reencontro parcial ou simbólico com ela (Rank, 1924 c: 14-15).

Em um momento anterior ao texto “Inibição, sintoma e angústia”, Freud parecia compartilhar da idéia de uma experiência traumática que poderia ser revivida. Vejamos sua formulação,

A angústia não é criada novamente no recalque, é reproduzida como um estado afetivo de conformidade com uma imagem mnêmica já existente. [...] Os estados afetivos têm-se incorporado na mente como precipitados de experiências traumáticas primevas, e quando ocorre uma situação semelhante são revividos como símbolos mnêmicos. [...] No homem e nos animais superiores pareceria que o ato do nascimento, como a primeira experiência de angústia do indivíduo, imprimiu ao afeto de angústia certas formas características de expressão (Freud, 1925 [1926]: 97).

Como veremos, Freud abandona logo a seguir a idéia de uma experiência traumática, privilegiando dialogar com este fato¹². Desconsidera que a angústia seja uma reprodução da situação de nascimento.

“A teoria de Rank despreza inteiramente os fatores constitucionais bem como os filogenéticos” (Freud, 1925 [1926]: 148).

Sua aposta insiste em atribuir um fator diferente dos já descritos por ele até então, apontando uma conceitualização bastante ousada para sua época, a de que a angústia não é possível de ser explicada, e não é possível de ser localizada.

Na tentativa de formular o fator que dá origem à neurose e aos sintomas, afirma: “o fator que decidiu se uma neurose devia sobrevir ou não estaria num campo diferente, e mais uma vez, desconhecido” (Freud, 1925 [1926]: 148).

Ele acrescenta que o fator filogenético se baseia em inferência. Esta característica somada à impossibilidade de descrever a angústia de forma a

¹² Vale a pena ressaltar que Freud não encontra explicação para a origem da angústia, dialogando de forma a tangenciar este conceito.

demonstrá-la, inaugura um valioso passo a considerar tal afeto desprovido de significação, ou de representação.

Finalmente encontra na filogenética um ancoramento para atribuir à angústia um caráter anterior ao trauma localizado na separação da criança da mãe. Anteriormente Freud considerava o trauma um acontecimento na vida do paciente, que consistia na separação da criança com o objeto (a mãe).

Podemos recolher desta constatação a referência do perigo pulsional como algo não ligado a nenhuma causalidade, e referi-la ao que chamamos de trauma ou angústia originária.

Esta nova angústia não se liga a nada, e mesmo assim participa do processo de formação de sintomas.

Nesta mesma linha do desenvolvimento teórico de Freud que privilegiamos desenvolver no presente capítulo, Lacan afirma que não há rede na angústia, ela existe como um vazio.

Vocês verão justamente o que deve ser visto a propósito da angústia, ou seja, que não existe rede. Em se tratando da angústia, cada malha, se assim posso dizer, só tem sentido ao deixar o vazio em que existe a angústia (Lacan, 1962-63:18).

Ou seja, a angústia não deriva do recalque e não promove o recalque de um conteúdo. Pelo contrário, destituída de qualquer significação, a angústia faz necessária uma amarração, uma vinculação a um significante. Assim como o afeto, a angústia está desamarrada, à deriva.

Para concluir este primeiro capítulo, chegamos ao ponto em que é possível desconsiderar tanto o trauma localizável em um determinado momento da vida do sujeito, quanto a angústia associada a uma ameaça ou perigo, ou então, que ela seja proveniente de um objeto temido.

Para Lacan, aquilo que resta como impossível de ser nomeado é justamente o que não é possível significar do trauma, tratando-se de algo essencialmente mítico, por não estar associado a nenhum acontecimento vivido, como por exemplo, o trauma do nascimento. Este resto é representado teoricamente como um objeto impossível de nomear ou localizar.

Capítulo 2. Do pai presente ao pai como presença – uma análise da configuração subjetiva do *Pequeno Hans*

1. A potência opaca da mãe: uma relação de angústia

As transformações na teoria de Freud em 1926 servem de base para uma nova articulação entre pai e angústia, que se reescreve com a constatação de que a angústia “tem uma qualidade de indefinição e falta de objeto” (Freud, 1925 [1926]: 160).

Além da importância já sinalizada do texto “Inibição, sintoma e angústia”, - onde situamos a reformulação da teoria da angústia, ou seja, sua passagem de produto a agente do recalque -, queremos demarcar algo que ultrapassa esta primeira leitura, e que diz respeito ao limite com o qual Freud se deparou. Ele não conseguiu localizar sua origem, e apontou um novo sentido para este afeto, atribuindo-lhe a característica de ser indefinível. A esta acrescentamos a interpretação de Lacan, a característica “originária” da angústia. De outra forma, podemos dizer que a angústia já está desde sempre.

Claro está que a angústia existe como afeto. “O que é a angústia? Afastamos a idéia de que seja uma emoção. Para introduzi-la, direi que ela é um afeto” (Lacan, 1962-63:23). Por isso Miller distingue duas angústias – a angústia constituinte e a angústia constituída (2004 d). Nós, aqui, vamos dar ênfase à primeira, que diz respeito à angústia “produtora”, aquela que não existe no mundo, senão como uma presença inconsistente.

Partindo desta constatação, a relação entre pai e angústia se modifica. Assim, o pai como ameaçador, presente na realidade, figura que geraria angústia, tem seu papel modificado. A angústia originária, cujo início não se localiza, desliga-se de uma ameaça encarnada, neste caso, o pai.

No entanto, veremos mais adiante, que a relação entre pai e angústia não é dissolvida nem, tampouco, abolida. No caso *Pequeno Hans*, onde constatamos a marca de um excesso do afeto de angústia, veremos que o pai, de fato, é chamado

a comparecer a fim de delimitar tal angústia. Porém, sua presença não depende mais essencialmente da figura do pai da realidade, mesmo que na descrição deste caso a presença do pai seja importante e fundamental para *Hans*, mas da função que lhe é atribuída, denominada por Lacan de função paterna.

Se a angústia é um afeto que com seu poder desconcertante não possui uma origem localizável e não tem como pano de fundo nenhum representante psíquico ou mesmo um representante na realidade, a angústia de castração também não pode mais ser concebida como uma ameaça de castração originada pelo pai como agente na realidade. Não há, a rigor, nada “por traz” da angústia, ela não vela nada. Lacan se refere a esta como castração simbólica, aquela que sustenta seu papel, instaurando uma falta, diferentemente da castração imaginária que incide na realidade, e que ele prefere chamar de frustração. Miller acrescenta que “Lacan faz da castração o nome da falta fundamental que nenhum objeto pode tampar”. (1995:60).

Nesta discussão, tanto o pai perde sua consistência como agente/pai da realidade, - a quem Lacan chamará de pai imaginário, em 1956 -, quanto o valor de idéia/representação velada ou oculta, produto do recalque perde sua existência como conteúdo dotado de significação. Sendo assim, o pai que antes era privilegiado em termos de sua presença na realidade, agente da castração, mudará de estatuto de acordo com a leitura do Seminário 4 – “A relação de objeto” (1956) - de Jacques Lacan.

Nosso objetivo neste ponto consiste em discutir esta nova função do pai, a qual Lacan denominará de função paterna, articulando-a a angústia. Indicaremos a título introdutório o que será desenvolvido mais adiante, a saber, que sua função de castração não incide sobre o corpo na realidade, mas faz operar uma proibição¹.

Constatamos, desde Freud (1925[1926]: 125) e também com Lacan (1956: 225), o quanto o papel do pai não se dissocia da castração. Pelo contrário, seu papel é fundamental e é dele que a castração depende.

Freud articula a relação entre o pai e a castração na discussão do caso *Hans* em (1925[1926]: 125), quando elabora a solução fóbica como o processo de transformação da angústia de castração que é, então, distorcida e dirigida para um objeto e substituída por ele. Desta forma, o temor não se associa mais diretamente

¹ Esta consideração corresponde à concepção do pai como responsável pela proibição em termos simbólicos da relação incestuosa com a mãe (Lacan, 1956:214-215).

ao pai, pois é substituído pelo medo de cavalos. Portanto, nota-se que a ameaça depende do pai, mesmo que alterada pela substituição e pela distorção. Mas em 1909, quando Freud relata a análise do caso *Hans*, observamos a precariedade do pai, pois este não lhe proibia nada (1909: 95).

Lacan (1956), por sua vez, considera que o pai interditor exerce o papel de uma função, cuja incidência resulta na castração. A figura do pai da realidade não é mais essencial e exclusivamente necessária, e a função de interditar a relação calcada na dualidade entre mãe e filho, pode ser exercida por outra instância. Porém, defrontamo-nos com o impasse diante do qual *Hans* fica impedido, a princípio, de encontrar uma saída para apaziguar sua angústia decorrente desta relação. A fobia é, então, uma tentativa de solucionar isto que a função paterna desempenha de forma insuficiente - a proibição. A resposta fóbica aparece, sob o pano de fundo da angústia originada na relação de dualidade entre *Hans* e sua mãe.

O duplo aspecto da angústia se desdobra tanto na “potência opaca” que aparentemente apaga qualquer diferença na relação entre mãe e filho, ocasionando o que Lacan chama de captura imaginária (1956:249-250), quanto no caráter de excesso disforme da angústia que, em relação com tal apagamento, age sobre *Hans*. A expressão “potência opaca” foi retirada do livro de Jacques-Allain Miller, intitulado “A lógica na direção da cura” (1995: 67). A opacidade define a crença na complementaridade estabelecida entre ele e sua mãe. Ela é um atributo que definirá, por excelência, a relação de *Hans* com sua mãe e a decorrente solução pela fobia. De acordo com a consulta ao dicionário (1986:1226), escolhemos alguns sinônimos, dentre vários outros que descrevem a relação citada: espesso, denso, fechado. Para sair desta situação, ele cria soluções através da fobia que o possibilitam delimitar no cavalo, a angústia em excesso. Veremos adiante que Lacan define este excesso quando a falta é “apagada”, ou seja quando ela falta².

De acordo com Lacan,

O que a criança pode fazer de melhor, nessa situação, em que está aprisionada na captura imaginária, nessa armadilha onde ela se introduz para ser o objeto de sua mãe, é passar além e se dar conta, pouco a pouco, se assim podemos dizer, daquilo que ela realmente é (1956: 249-250).

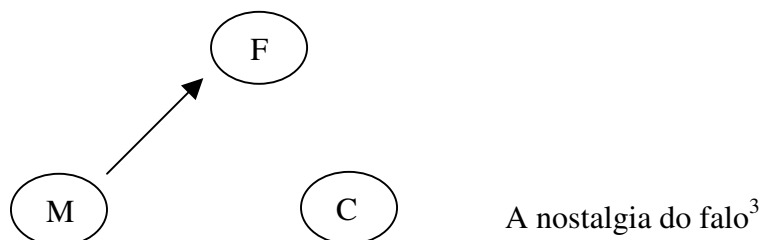
² Lacan se refere a isto como um excesso, ou seja, quando a falta falta (1962-63: 52).

No entanto, o problema nesse caso localiza-se diante de um impasse. *Hans* não consegue desvencilhar-se da posição baseada na captura imaginária, cujos efeitos são recolhidos como angústia.

Para poder delimitar a angústia em excesso, decorrente da situação descrita, tornava-se necessário instaurar um intervalo na relação entre mãe e filho, onde se verificava esta espécie de complementaridade. *Hans* ocupava uma posição, a partir da qual parecia ser possível preencher a falta da mãe, colocando-se como um objeto, o falo imaginário, que supostamente poderia suprir esta falta. Em tal relação, “[...] a criança oferece à mãe o objeto imaginário do falo, para proporcionar-lhe sua satisfação completa [...]” (Lacan, 1956:212). No entanto, a falta não entrava no jogo para *Hans*, pois para poder se deparar com ela, era preciso distanciar-se de tal posicionamento.

Segundo Lacan,

Vejam a posição, tal como a desenho aqui, o imaginário, isto é, o desejo do falo da mãe; ali, a criança, nosso centro, que tem que descobrir esse mais-além; a falta no objeto materno (Lacan, 1956: 206).



Vejamos, então, o que ocorre nesta relação. Por quê ele se coloca complementando a mãe? A mãe em sua falta deseja algo que possa ser colocado neste lugar. Lacan chama este complemento de falo imaginário, ou seja, o falo que a mãe deseja possuir. No entanto, este complemento, sendo “colado” em *Hans*, supostamente enganaria sua falta. Desta forma, *Hans* ocupa uma posição nesta relação que mantém a falta da mãe fora do jogo. Quando a falta não entra no jogo ou quando é apagada, esta relação que resulta em angústia, e é nisto que *Hans* se

³ Lacan, 1956:206. M= Mãe, C=Criança e F=Falo.

vê aprisionado. Lacan dirá que é preciso localizar a falta da mãe e isto retiraria *Hans* da posição que também é chamada, neste mesmo Seminário (1956), de posição de objeto. Acrescenta que o que localizaria a falta, sem excluí-la do jogo, seria o significante fálico, ou o falo simbólico. Desta forma, o significante fálico, como significante impossível de ser preenchido ou complementado, depende da operação atribuída ao pai, o que Lacan chama de função paterna. Trata-se de localizar o significante fálico, fazendo com que o falo não seja colocado em termos de objetos complementares (falo imaginário).

O impasse da situação edípica de *Hans* introduz a saída pela fobia, que se faz necessária para retirá-lo das garras da mãe. No momento concernente à escrita do Seminário 4, Lacan considera a fobia uma solução que viria no lugar da carência da função atribuída ao pai, como pai que sustentaria a falta em sua função. O que observamos é que a falta da mãe permanece localizada em termos da possível complementação pelo falo imaginário, para o qual *Hans* se empresta.

De acordo com Miller (1995: 65), o esquema que apresentamos, composto pelos três elementos, a saber, - criança, mãe e falo -, mostra que a relação da mãe e da criança se articula em relação ao falo. Para localizar tal conflito que desenha a configuração familiar de *Hans* descrita por Freud, o falo localiza a falta da mãe, mas não para *Hans*, que prontamente ocupa este lugar da falta. Isto impede a falta entrar no jogo desta configuração.

Portanto, a angústia surge justamente porque não é possível situar este mais-além da mãe, ou melhor, algo que diz respeito à falta. Nesta situação, *Hans* se posiciona no lugar de F (ver a ilustração), o falo imaginário, objeto desejado pela mãe, que supostamente poderia ser preenchido por ele.

Para concluirmos esta breve apresentação do impasse que será solucionado pela fobia - sua relação com a angústia e o papel da função paterna - apontaremos que o pai responsável pela função descrita acima, não se define exclusivamente pela sua presença como pai encarnado.

[...] um dos princípios mais fundamentais em psicanálise é que o pai é, em primeiro lugar, um nome, um significante – e apenas secundariamente uma pessoa (um homem na maioria dos casos) (Regnault, 1997:81).

O pai é aquilo que instaura uma lei que perdura para além de sua fala na realidade⁴. Sua função é introduzir a falta na relação demasiadamente complementar entre *Hans* e sua mãe. Veremos também, ao longo do desenvolvimento deste capítulo, o quanto esta relação é calcada no jogo de perguntas e respostas, em termos lineares. A impossibilidade de *Hans* se deparar com a ausência de resposta para a diferença entre os sexos, que ele já havia observado e constatado, constitui o cerne da saída pela fobia para o excesso de angústia que a acompanha.

2. Da angústia ao medo e a saída pela fobia

Retornemos mais uma vez a “Inibição, sintoma e angústia” (1925 [1926]), onde já localizamos o momento de virada da teoria da angústia e sua articulação com a formação da fobia de *Hans*.

Transpondo as considerações iniciais que antecediam a reformulação da teoria da angústia de Freud para o caso em questão, o pai estaria localizado como o agente e responsável pelo afastamento da idéia que não podia ser mantida consciente - o ódio dirigido a ele. Este conflito destinava-o e aprisionava-o na figura essencial no processo de recalçamento. Era a ele que se ligavam idéias ambivalentes e contraditórias: *Hans* amava-o, assim como também odiava-o. E como vimos, uma destas idéias, o ódio, deveria ser condenada, ou seja, recalçada. Neste contexto, *Hans* deveria temer o próprio pai.

Segundo Freud (1925 [1926]: 160), o medo (*Furcht*), diferentemente da angústia (*Angst*), se liga a um objeto específico, de caráter ameaçador, do qual surgiria a ameaça. De acordo com esta formulação, é pelo pai como agente da castração que *Hans* deveria sentir-se ameaçado, ou seja, deste pai que configura um personagem da vida do menino, e do qual deveria ter medo.

É na diferença entre angústia e medo, que Freud irá esclarecer a distinção entre as angústias realística e neurótica. A primeira é mais simples de ser

⁴ Constatamos ao longo da leitura do Seminário 4 (1956) , que o pai se desdobra em algumas funções. De acordo com Lacan, o pai da realidade é chamado de pai imaginário, e aquele que instaura a proibição, de pai simbólico.

compreendida, pois se liga a um perigo, conhecido, podendo ser designada como medo. Já no caso da segunda angústia, a neurótica, é introduzida uma importante diferença, a de que ela é uma angústia relacionada a um perigo desconhecido.

[A angústia (*Angst*)] tem uma qualidade de indefinição e falta de objeto. Em linguagem precisa empregamos a palavra medo (*Furcht*) de preferência a angústia (*Angst*) se tiver encontrado um objeto (Freud, 1925 [1926]: 160).

Freud estabelece a relação da angústia com a neurose, ou seja, a angústia cuja origem não pode ser determinada é a que marca a neurose, enquanto que o medo (*Furcht*) pode ser atribuído a qualquer estado, neurótico ou não. O medo restringe-se, então, a um objeto definido.

Na discussão do caso de fobia, Freud afirma que, de fato, o pai não apresentava nenhuma ameaça para o menino. Pelo contrário, educava-o com muita atenção, liberdade, afeição e muitos cuidados. Sendo assim, *Hans* não deveria temer o pai que tanto o amava (1909:95). Seu pai era muito gentil e segundo Miller “um pai moderno” por sua permissividade, e “muito gentil, [que] discute com ele, vai brincar com ele” (Miller, 1995:74).

A diferenciação apresentada entre as duas angústias nos permite uma leitura diferente daquela compreendida na idéia recalcada dotada de significação já que o sintoma, após a reformulação da teoria da angústia, passa a ser uma resposta à angústia, mas à angústia sem significante, sem representante e, portanto, originária.

A idéia da representação pulsional - o ódio dirigido ao pai - com um conteúdo específico, que poderia consistir em um perigo ao ser descarregada, é abandonada, dando lugar ao afeto inominável. Da mesma forma, a ameaça de castração de *Hans*, que parecia consistir numa ameaça a nível concreto, da realidade, cede lugar para uma ameaça de outra ordem, originária e destituída de representação.

De início, o pai representava a ameaça de castração, encarnando o agente contingencial de tal operação, mas Freud passou a atribuir à ameaça de castração um fator originário, sem localização.

Sabemos não se tratar mais de uma angústia ligada a um objeto neste momento da obra de Freud (1925 [1926]). No caso *Hans*, é possível vislumbrar o importante papel da angústia na formação da fobia, que não está mais ligada a um

agente externo, o pai. Agora a angústia serve de motor que tenta retirar *Hans* de uma situação edípica que o angustia, pois se encontra fígado numa relação dual de comparação; uma relação onde prevalecem respostas e sentidos.

A resposta fóbica, como solução para a angústia, liga-a a um objeto e transforma este último em um objeto a ser temido. Desta forma consegue conter a angústia em um objeto externo - o cavalo-, criando também possibilidades de evitá-la.

Mas antes de nos determos no desenvolvimento da solução fóbica pela eleição de um objeto temido, e seus desdobramentos, consideramos importante apresentar com mais detalhes o impasse edípico de *Hans*.

3. O impasse edípico de *Hans*

Lacan, movido pelo questionamento de que pai se trata para que uma proibição ou uma interdição possa valer efetivamente, conclui que, “formular a pergunta ‘o que é um pai?’, é algo diverso de ser-se um pai, aceder a posição paterna” (Lacan, 1956: 209).

É em torno desta constatação referente ao pai que localizamos o núcleo da falta de contenção do excesso de angústia, pois ela depende do pai como função e não do pai presente e encarnado na realidade. Apesar da constatação da precária participação do pai proibidor, veremos que ele não está completamente ausente. Isto será verificado no fato que *Hans* irá encontrar um lugar na própria solução fóbica, para a função que o pai deveria exercer.

No entanto, não é somente do papel do pai que deriva o impasse edípico, mas também de seu posicionamento como falo imaginário para a mãe. A partir da leitura de Lacan, a mãe ocupa um lugar central e importante, pois é também na relação com ela que algo não vai bem. A primeira posição ocupada por *Hans* edipicamente é a de falo imaginário, ou seja, do lugar daquilo que poderia suprir a falta da mãe. No entanto, isto o angustia em demasia, já que apaga a falta.

A mãe de *Hans* lhe oferecia respostas que obturavam uma constatação que *Hans* já havia estabelecido, a da diferença entre os sexos, pois o menino costumava observar seus pais se despirem. Certa vez perguntara a ela se também

possuía um *Wiwimacher* (traduzido por “fazedor de pipi” 1909:22). Apesar da pergunta se referir ao órgão genital como objeto da realidade, *Hans* já havia constatado uma diferença, da ordem da presença e da ausência de tal órgão. O pai, assim como ele, possuía um pênis, mas observara na mãe a ausência de tal órgão.

Para tanto, necessitava criar uma solução que incluísse isto que se apresentava como uma diferença entre os sexos. Porém, jamais poderia encontrar uma resposta única que correspondesse à dissolução desta diferença, pois ela comporta a marca de um descompasso impossível de ser representado. Acontece que a diferença entre os sexos que *Hans* constatava era anulada pelas falas da mãe que insistia em explicar-lhe tudo, atribuindo sentido a todos os questionamentos do filho, além de responder-lhe em termos comparativos.

Certa vez a mãe afirmara que também possuía um *Wiwimacher*, e *Hans* tornou a ocupar-se em comparar e observar os órgãos dos seres vivos e das pessoas maiores que ele, concluindo que “[...] se ela [a mãe] tivesse um, deveria ser tão grande quanto o de um cavalo” (Lacan, 1956: 209-210).

A dualidade e a comparação somam fatores importantes para o início da formação sintomática pela fobia. Segundo Lacan, a resposta obtida pela mãe mantinha *Hans* na posição de igualdade e de comparação, fato que impedia a inclusão do questionamento de *Hans* sobre a diferença entre os sexos. O que poderia vir a ser o representante de uma diferença, ou seja, - a ausência de pênis na mãe -, foi obturado pela resposta da presença do *Wiwimacher* em termos de igualdade.

O que revela esta primeira abordagem por *Hans* da relação edipiana? O que se desempenha no ato de comparação não nos faz sair do plano imaginário. O jogo continua no plano do engodo. [...] O que resulta disso? (Lacan, 1956: 211).

A única opção entre “ou eu ou o outro” limitava a resposta de um lado, ou de outro, deixando *Hans* sem lugar para se deparar com qualquer diferença, o que provocava sua permanência como falo imaginário da mãe.

Diante desta situação era preciso que o pai interviesse na relação estabelecida entre tal relação dual. No entanto, devemos ficar atentos para não confundirmos o próprio pai de *Hans*, cujo papel é essencial na configuração familiar do menino, com a sustentação da função paterna. Na descrição das observações do caso *Hans*, o pai da realidade coincide muitas vezes com o pai da

função paterna. Afastando-nos deste caso, nem sempre esta coincidência poderá ser localizada.

Mas do que se trata quando falamos de uma intervenção da função paterna? O pai deve intervir na relação que Lacan chama em 1956 de imaginária, calcada na linearidade, sem intervalos para indagações sobre a sexualidade.

A função paterna mostrava-se insuficiente, principalmente pelo efeito constatado de não delimitar a angústia decorrente da dualidade. *Hans* recorreu à fobia, a fim de criar delimitações e proibições bastante próprias, ou seja, criou alternativas que dessem corpo à função de proibição.

Abordaremos mais adiante, no capítulo 4, o papel do pai que independe de sua presença na realidade, aquele que se traduz pela intervenção que produz a internalização de uma separação ou de uma proibição, que chamaremos de Nome-do-Pai.

Recolhemos, pois, dois pontos importantes observados na configuração familiar de *Hans*, que permitem o desenvolvimento da questão concernente à solução para a angústia através da fobia: a precariedade do pai como interditor e a relação excessivamente calcada na dualidade do menino com a mãe.

4. A fobia: uma suplência à função paterna

Lacan afirma em 1956, que a fobia é uma tentativa que vem no lugar da função paterna, atribuindo-lhe o termo não muito comum nesta época para a neurose: a suplência.

A suplência é comumente usada para designar algo que vem no lugar da ausência, ou como Lacan denomina, da forclusão do Nome-do-Pai nos casos de psicose. Apropriamo-nos deste termo para a fobia, considerando apenas o problema da carência da função paterna, e não da ausência da mesma.

Argumenta que “trata-se de que o *Pequeno Hans* encontre uma suplência para este pai que se obstina em não querer castrá-lo” (1956:375). A necessidade de suprir a função do pai que, neste caso, constatamos ser precária, surge diante da emergência em encontrar meios para delimitar a angústia. Este último termo, a “delimitação”, vincula-se também à interdição, constituindo assim as duas funções

essenciais presentes na eleição do significante cavalo. *Hans*, de fato, consegue apaziguar/delimitar a angústia, criando seus próprios meios. Estes meios consistem em interdições e delimitações de circuitos na cidade.

Porém, de acordo com a nossa articulação, a fobia será uma solução de suplência à função paterna, o que quer dizer que ainda não é uma solução permanente. Constata-se na fobia de *Hans* que ele permanece refém dos meios que encontra, uma vez que estes o afastam apenas provisoriamente da angústia, necessitando da constante manutenção do distanciamento dos cavalos.

Voltemos novamente à discussão acerca do pai. No início deste capítulo afirmamos que o pai de *Hans*, o pai da realidade era muito presente, preocupando-se em satisfazer todas as necessidades e vontades do filho.

No entanto, de acordo com Miller, “veremos, [...] que o *Pequeno Hans* não deixa de pedir que seu pai seja um pai duro, um pai que lhe repreve algo”. *Hans* saberia que necessitava “de um corte de seu pai e não deixa de pedir isso a ele de todas as maneiras” (Miller, 1995:74).

Hans de fato, solicita a intervenção paterna de uma maneira bastante peculiar, concluindo que seu pai deveria sentir raiva diante da posição “privilegiada” que ele ocupava e que, no entanto, constituía uma armadilha angustiante.

As solicitações de *Hans* dirigiam-se ao pai da realidade. Contudo, os chamados à intervenção e à proibição dependiam do pai que sustenta com sua figura a função paterna.

Para nos aprofundarmos no desenvolvimento desta função, precisamos também retomar o papel do falo. Lacan denomina de falo imaginário o objeto que seria capaz de completar a mãe. Vimos que inicialmente, *Hans* se posicionava como este objeto que viria no lugar da falta da mãe, esta que, por sua vez, fez questão de mantê-lo nesta posição. Desta forma, concluímos que a relação de ambos mantinha-se numa dependência de complementaridade angustiante.

Dissemos que a mãe se apresenta para a criança como a exigência daquilo que lhe falta, a saber, o falo que não tem. [No entanto,] o falo tem um valor simbólico no sistema significante, e porque ele é assim, retransmitido através de todos os textos do discurso inter-humano, que ele se impõe (Lacan, 1956: 266).

Nesta passagem, Lacan afirma que o falo tem um valor simbólico no sistema significante, ou seja, localizar a falta. Sua função é bastante específica, pois é um significante que representa a falta. Até então, tinha sido possível constatar seu valor imaginário, aquele de complementação da falta da mãe.

A transposição do falo imaginário como objeto de posse, para o falo simbólico, que institui o valor de ser intercambiável exige de *Hans* alguns reposicionamentos na configuração familiar.

Trata-se agora de que a criança perceba que este elemento imaginário tem valor simbólico. E isso é impossível para ele [*Hans*], superar (Lacan, 1956: 267).

A superação da mudança do valor do falo depende também da dissolução da relação calcada principalmente na complementaridade, na igualdade e na comparação.

Capturado nesta relação, e sob seu domínio, *Hans* encontrou uma solução pela via da fobia. Curiosamente, a fobia só eclodiu mais de um ano após o nascimento de sua irmã. Com seu nascimento, *Hans* só tinha duas saídas - ou ele era retirado por ela - haveria uma troca de objetos/falos imaginários -, ou seja, *Hanna*⁵ ocuparia seu lugar -, ou ele (*Hans*) permaneceria nesta posição de ser o falo para a mãe, deixando sua irmã de fora. Este exemplo parece esclarecer a captura e a estreita saída a qual estava submetido, pois sendo um complemento, não lhe restava nenhum outro lugar.

Neste ponto Lacan localiza o impasse para o qual a função paterna não se apresenta de forma satisfatória. Veremos que a solução fóbica constituía uma espécie de primeira saída para este impasse, a suplência do pai simbólico. Lacan assinala também que a passagem do falo imaginário para o falo simbólico se dará através de alguns desvios com a eleição do objeto fóbico e com a criação de impedimentos e mitos⁶.

⁵ Optamos por escrever seu nome de acordo com a escrita original alemã. Na edição brasileira dos Seminários de Lacan, consta a escrita "Anna".

⁶ Tema que será desenvolvido no ponto 3 do terceiro capítulo.

5. Um objeto que porta a angústia

A fobia não é de modo algum a angústia. A angústia – e aí não faço mais que repetir Freud, que o articulou com perfeição – é algo sem objeto. Os cavalos saem da angústia, [mas o que eles portam é o medo.]⁷ O medo concerne sempre a algo articulável, nomeável, real⁸: estes cavalos podem morder, eles podem cair, eles têm ainda muitas outras propriedades. Pode ser até mesmo que conservem neles os vestígios da angústia (Lacan, 1956: 252).

Nosso objetivo define-se, neste ponto, em introduzir a discussão do objeto na fobia, que por um lado porta a angústia, mas por outro não isenta *Hans* de livrar-se dela.

Consideramos o cavalo do caso *Hans* como o objeto que porta a angústia, justamente porque ele se ergue e aparece sobre o fundo da angústia. Lacan, referindo-se a Freud, aponta que

Este [Freud] sublinha desde o começo da observação que convém separar corretamente a angústia da fobia. Se existem aí duas coisas que se sucedem, não é sem razão: uma vem em socorro da outra, o objeto fóbico vem preencher sua função sobre o fundo da angústia (Lacan, 1956: 211).

Sabemos que havia um excesso de angústia sem contornos e sem delimitações derivado da relação dual entre *Hans* e sua mãe, para o qual a solução encontrada por *Hans* estabeleceu alguns contornos com a escolha do objeto fóbico “cavalo”.

A escolha de um objeto na realidade, tal como aparece na fobia de *Hans*, parece a princípio, uma escolha simples. Temer cavalos ou mesmo outros animais na infância é algo bastante comum. Geralmente as crianças demonstram temer animais, a escuridão, o abandono; - ou seja, os temores fazem parte da vida infantil.

No entanto, a escolha do cavalo por *Hans* nos permite um desenvolvimento bem mais amplo e para além do medo, dentre o qual privilegiaremos o estatuto do terror pelo objeto. Isto significa que este objeto e sua presença implicam uma dimensão que ultrapassa uma possível ameaça que o

⁷ Lacan afirma que os cavalos portam o medo. No entanto, lemos esta afirmação no sentido de que eles portam a angústia, e de que o medo ocorre diante da presença do cavalo como objeto definido, do qual Hans pode fugir. O objeto delimita em si a angústia, o que é indicado ao final desta passagem, pois eles conservam vestígios de angústia.

⁸ Leia-se nesta passagem real no sentido de realidade.

animal poderia, de fato, representar. Desta forma, há algo da angústia que se apresenta no encontro como o cavalo. A reação de *Hans*, por sua vez, consiste em temê-lo, mas de acordo com a discussão que fizemos entre o medo e a angústia, o primeiro está diretamente ligado ao objeto, enquanto que a angústia para a qual mesmo Freud atribuiu a indefinição de objeto, afeta *Hans* independentemente da presença do objeto na realidade.

No presente caso, o cavalo de fato ocupa um lugar específico na realidade, e no contexto da cidade na qual *Hans* residia. Mas devemos mantermo-nos atentos ao fato de que o cavalo em si não é responsável pela angústia do menino, quando ambos se encontram. Assim, distinguimos novamente o medo da angústia, e constatamos que a presença do objeto cavalo provoca uma reação de horror que excede qualquer reação de medo.

A partir do texto do Seminário 4 de Lacan - “A relação de objeto”(1956) - recolhemos algumas considerações possíveis acerca do objeto. Até então desenvolvemos uma primeira consideração sobre esta relação, aquela que se refere ao posicionamento de *Hans* designando-o como falo imaginário para a mãe, ao qual Lacan atribui também o lugar de objeto. *Hans* seria o objeto que complementaria a mãe em sua falta. Esta é a primeira concepção do objeto deste Seminário de Lacan, ou seja, a de um objeto complementar.

Nesta relação de comparação com a mãe, a questão da diferença entre os sexos era mantida excluída da configuração edípica. A ausência daquilo que resta como “não-resposta” fazia com que tudo parecesse possível ser preenchido por objetos, a saber, o próprio *Hans* como falo/objeto da mãe. *Hans*, situado nesta posição, não poderia encontrar na sua relação edípica, uma solução que incluísse algo da ausência de resposta e sentido. Permanecia capturado e angustiado.

Como poderia encontrar uma solução para tal angústia? Certamente *Hans* não havia formulado esta pergunta, mas a escolha do cavalo como objeto a ser temido resolvia em parte a delimitação da angústia.

Assim, o cavalo como objeto localizado no meio externo, na cidade onde morava, tornou-se o portador da angústia, erguendo-se sobre o fundo da angústia, deslocando assim a angústia da relação com a mãe para o meio externo. Como consequência desta localização poderia agora tentar evitar deparar-se com os cavalos na rua.

Observamos uma sensível mudança do estatuto do objeto, agora separado da relação dual e localizado fora do contexto familiar de *Hans*. Não se trata mais de um objeto complementar, mas de um objeto que porta algo da ordem de uma indefinição, a angústia.

De acordo com Lacan, Freud sabiamente distinguiu a angústia da fobia, pois não é a fobia que gera a angústia. Pelo contrário, ela delimita a angústia, localizando-a sob um nome. O cavalo aparece como este nome, um certo representante para a angústia. Ele porta a angústia, aquela que afetava *Hans* no encontro de captura com a mãe.

Conforme nossos objetivos citados acima, o temor pelo cavalo mostrava-se uma solução importante para *Hans* naquele momento, mas insuficiente para mantê-la afastada. O cavalo agora portador da angústia passa a ser evitado a todo custo.

O meio particular de evitar a angústia, encontrado por *Hans*, de forma paradoxal, mantinha-o incessantemente às voltas com os cavalos e com a angústia, pois o encontro com eles não deveria ocorrer de forma alguma.

Portanto, a delimitação da angústia por este objeto dependia da sua circunscrição na realidade. A constante preocupação de *Hans* em delimitar espaços tornava-se necessária, sem interrupções, e de forma constante, para impedir assim, de angustiar-se.

A saída para a angústia permite uma reorganização do mundo de *Hans*.

Lacan diz que a angústia é sem objeto, tal como Freud disse em “Inibição, sintoma e angústia”. A angústia é uma relação pura do sujeito com a falta de objeto. Tocar a angústia é reforçar o tema da falta de objeto. Em todo esse seminário, Lacan apresenta a fobia sobre o fundo de angústia, já como uma estruturação do mundo, que permite ao sujeito situar-se (Miller, 1995:93).

6. Circuitos

[...], todos os comentários de Lacan sobre o caso do *Pequeno Hans* procuram mostrar a particularidade do espaço que se constitui na fobia, quando falta ou é deficitária a instituição do obstáculo. É preciso então que o sujeito invente o objeto fóbico, aquele que encarna a função do obstáculo e que é por excelência o objeto que não se pode encontrar, o objeto que obriga o sujeito a fazer circuitos, desvios, para evitá-los (Miller, 2000: 17).

Uma vez encontrada uma solução para o excesso de angústia, localizada agora no cavalo, *Hans* traça circuitos que incluem algumas evitações e proibições em torno deste mesmo objeto.

Hans torna, desta forma, alguns lugares transitáveis e outros intransitáveis. Alguns desvios consistiam na demarcação de campos, áreas, ou seja, lugares na cidade que podiam e que não podiam ser “visitados”, desenhando assim algumas proibições.

Tais demarcações vinham justamente como tentativas de suprir a função paterna – a proibição -, estabelecendo interdições e instaurando impedimentos. Portanto, os circuitos servem como uma rede desenhada na cidade que inclui o que é permitido e o que é proibido, encontrando, assim, um lugar também para impedimentos.

7. Duas manifestações do real

O impasse edípico de *Hans* dificultava a inclusão da diferença entre os sexos como ausência de resposta. Há um ponto para o qual não é possível encontrar nomes, ponto este que independe de qualquer conteúdo e significação, ao qual Lacan chamou de real. Este registro comporta uma dimensão impossível de ser apreendida, pois ela se define por um vazio que lhe é intrínseco. O real não consiste em nada, e sua presença só se deixa apreender pela significação que poderá lhe nomear. Isto é o que vimos ocorrer na escolha significativa do cavalo de *Hans*, que vem como um nome sobre o fundo de angústia. Constatamos, então, algumas enumerações conceituais que se aproximam do real, a saber, a angústia e o desejo da mãe.

A respeito da angústia, sua aproximação se sustentará pela indefinição (de acordo com as formulações de Freud em 1926) ou pela ausência de objeto (de acordo com as formulações de Lacan no Seminário 10, em 1962-63). A angústia, assim como o real, não consiste em termos dotados de significação. No caso do desejo da mãe, o que será desenvolvido mais adiante, *Hans* se depara com algo da ordem de uma impossibilidade de significação. Tudo parecia bem arrumado para

ele na posição de falo imaginário, arrumado até demais.⁹ No entanto, sair deste lugar implicava confrontar-se com algo da ordem de um caos, pois o desejo, uma vez definido, deixa de sê-lo. Ele é, assim como o real, impossível de ser dito. “O que a mãe deseja?”, consiste numa pergunta que não será respondida, já que o desejo aponta sempre para uma outra coisa. Não há nada que represente o desejo. Segundo Miller, “nunca se pode dizer diretamente o desejo como tal, que ele é dito sempre entre palavras” (1995:43).

Anotamos três conceitos que se referem ao vazio: real, angústia e desejo. Devido à indefinição que lhes são característicos, é preciso, portanto, alguma nomeação, um nome que venha em seus lugares, e que lhes dêem alguma forma de organização.

Mas, antes de nos determos na questão da nomeação do real na fobia, iremos apresentar o recorte de duas manifestações do real no caso *Hans* que estão relacionadas tanto à manifestação da angústia, quanto ao desejo da mãe que entra em cena.

Lacan localiza duas circunstâncias importantes e contingentes, nas quais *Hans* se depara com o real (1956-57), que são o nascimento de sua irmã *Hanna* e a manifestação de seu pênis real.

Para o *Pequeno Hans*, esse esquema veio se complicar com a introdução de dois elementos reais. Por um lado, *Hanna*, isto é, uma criança real, complica a situação, as relações com o mais-além da mãe. E depois há também alguma coisa que lhe pertence de fato, mas com a qual ele não sabe, literalmente, o que fazer: um pênis real, que começa a se agitar [...] (Lacan, 1956-57: 368).

Estas situações que Lacan afirma serem “complicadoras” lançam-no à necessidade de um re-posicionamento edípico, o que possibilita o início da indagação sobre a falta da mãe e sobre seu desejo, ou de acordo com as próprias palavras de Lacan, “o mais além da mãe”. Se sua mãe lhe tinha como objeto, é porque algo lhe faltava. Esta é a castração da mãe.

Primeiro *Hans* confrontou-se com o fato de que os objetos poderiam ser substituídos. Se ele bastava à mãe, porque ela voltava suas atenções para uma nova criança? Esta pergunta colocou em cena a falta da mãe, o mais-além da mãe.

⁹ Ver nota p.38.

O que *Hans* é agora para sua mãe, após o nascimento de sua irmã? É em torno disso que se introduz pela primeira vez um questionamento para o qual ele não encontra respostas objetivas, uma vez que o desejo da mãe vai ao infinito.

É no confronto com a necessidade de interpretar o desejo da mãe, visto que o desejo não pode ser respondido, que *Hans* pode se reposicionar. A interpretação do desejo e a nomeação do mesmo através de um significante resultam na interrupção do deslocamento metonímico¹⁰ constatado na sucessão de objetos para a mãe: primeiro *Hans*, depois *Hanna*, sua irmã. Para a interpretação do desejo, ou seja, a escolha de um significante que nomeie o desejo, e que sirva como um ponto de parada nesta série de objetos, *Hans* recorrerá ao que Lacan denominou de metáfora paterna.

Se *Hans* não é mais o objeto que supostamente completa a mãe em sua falta, já que há uma outra criança desejada, é preciso que ele interprete este desejo, para sair assim, da posição de objeto de troca. Contudo, este reposicionamento não ocorre de forma simples.

Nas últimas lições do Seminário 4 (1956), Lacan apresenta vários esquemas/fórmulas que servem para pensar a posição de *Hans* diante da mãe, da irmã e do pai, ou seja, sua posição edípica.

Escolhemos duas delas, que parecem definir a situação de *Hans*, após o nascimento de *Hanna*. Vejamos a primeira formulação: $(M + \phi + A)$, onde M está para a mãe, ϕ para o falo, e A para a irmã (Lacan, 1956-57:390).

Diante desta configuração, Lacan afirma que,

em suma, não existe saída pelo lado da foice, do grande C do complexo de castração [do Édipo], não existe mais a possibilidade de uma mediação, isto é, de perder, e depois reencontrar seu pênis (1956-57: 390).

Hans ou é o falo imaginário ou sai de cena. O falo simbólico, como localização de uma falta não serve aqui como elemento de mediação. Se neste ponto reconhecemos um impasse, é porque *Hans* necessita de uma intervenção que interrompa a série de objetos acumulados de forma metonímica: *Hans* e depois *Hanna*.

A segunda formulação¹¹ inclui a manifestação do real:

¹⁰ Segundo Lacan, “a combinação de um termo com outro”. (1958 a: 628)

¹¹ Lacan, 1956-57:391.

$(M + \phi + A) M \sim m + \Pi$, onde Lacan acrescenta m para a mordida real, e Π para o pênis (Lacan, 1956-57:391).

O que temos neste acréscimo é a manifestação real, o pênis real que, assim como o nascimento de *Hanna*, aparece como sem-sentido.

É na medida em que chegou a este impasse que ele [*Hans*] desconhece outra relação com o real além daquela que se chama, certa ou erradamente de sádico-oral. Isso é o que escrevo por m , a que se acrescenta tudo o que é real para ele, em particular este real que acaba de ser revelado e não deixa de complicar a situação, a saber, Π , seu próprio pênis (Lacan, 1956: 391).

Segundo Lacan, a função paterna consiste numa metáfora denominada de metáfora paterna, que é “a substituição de um termo significante por outro” (1958: 628). Sua função é incidir sobre as manifestações do real, criando assim uma interpretação para o desejo da mãe, separando-a da mordida (m) – aquela que possui o filho como falo -, e o pênis, órgão de comparação, do pênis que se manifesta involuntariamente.

Hans necessita descolar-se da posição de falo imaginário, objeto que supostamente tamponaria a falta de sua mãe, para poder utilizar-se do falo como elemento mediador entre algo que se apresenta sem sentido (pênis real e nascimento da irmã) e um significante que designe esta “ausência de sentido”, o falo simbólico, segundo Lacan.

Este recobre como uma máscara algo daquilo que não é possível ser dito ou compreendido, mantendo velado sob uma espécie de véu a premissa de que haveria um sentido primeiro que respondesse ao que não é possível significar: a diferença entre os sexos e o real. Esta premissa Lacan chamará de Nome-do-Pai. O falo simbólico, de acordo com Lacan,

(...) é esse significante escolhido como o mais saliente do que se pode captar no real da copulação sexual, e também como o que é mais simbólico no sentido literal. (...) Todas essas afirmações ainda não fazem velar o fato de que ele só pode desempenhar seu papel enquanto velado, isto é, como signo, (...), a partir do momento em que é alçado à função significante (Lacan, 1958 b: 699).

Mas o que é velado para *Hans*? Isto não é muito evidente no caso. Para que algo seja velado é preciso que algo seja proibido de forma que tal proibição delimite um ponto que jamais poderá ser alcançado em termos significantes.

Na solução fóbica de *Hans*, o cavalo como significante irá nomear o desejo da mãe, além de portar a angústia decorrente da relação de complementaridade estabelecida entre eles. Veremos que esta operação assemelha-se à operação da metáfora paterna, com a particularidade, porém, de operar no meio externo.

Por meio de uma escolha significante muito particular, a resposta fóbica tentará solucionar, por intermédio da escolha do significante cavalo, o confronto com o desejo da mãe, a delimitação da angústia e a localização de uma proibição.

Capítulo 3. Variações em torno da metáfora paterna

1. A metáfora paterna

Percebeu-se, então, que um Édipo podia constituir-se muito bem, mesmo quando o pai não estava presente. Bem no começo, achava-se sempre que era algum excesso de presença paterna, ou excesso de pai, que engendrava todos os dramas. Foi a época em que a imagem do pai aterrorizante era considerada um elemento lesivo. Na neurose, logo se percebeu que isso era ainda mais grave quando ele era extremamente gentil (Lacan, 1962-63: 172-73).

Optamos por introduzir este ponto com a passagem acima, pois retomaremos os dois tempos do pai demarcados até agora, ou seja, o pai presente na realidade, e o pai como pivô da função paterna. O primeiro já mereceu destaque, sendo discutido no capítulo anterior. No entanto, para que este último pai exerça seu papel como função, sua presença necessariamente muda de estatuto. Ele passa de pai presente ao pai como presença.

Sua função é representar a interdição da mãe para o filho, e é sobretudo, no discurso da mãe que ele se materializa, ou seja, quando a falta entra no jogo e o filho constata que a mãe deseja outra coisa. Portanto é pela palavra da mãe que é feita a atribuição a este pai desencarnado, que tem o efeito de um significante por excelência – o Nome-do-Pai.

Partindo da definição que separa o pai como agente da castração do pai como função de interdição, podemos avançar e discutir a relação da castração como nome fundamental para a falta. Para que vigore a interdição, a palavra do pai deve independer de sua figura e funcionar como lei.

Segundo Lacan, a lei se articula com a proibição em termos simbólicos, ou seja, para que o sujeito possa se servir dela para além da palavra do pai imaginário ela deve adquirir o caráter universal ao internalizar e prescindir da figura externa de um interditor. Assim, entendemos que a lei possa continuar como tal, mesmo na ausência do pai. Portanto, o simbólico impõe uma proibição que lhe seja ao mesmo tempo intrínseca, e cujos efeitos sejam observados na instauração de uma impossibilidade, por exemplo, a de ser objeto complementar para a falta.

O pai sob esta roupagem simbólica e interditora é aquele que faz valer uma proibição. Sua função pode ser exercida através de intermináveis formas que podem até mesmo, em uma certa medida, independer de sua figura.

É neste sentido que Lacan se apropria da diferenciação entre o pai da normalidade e o pai normal (Lacan: 1962-63: 174). O primeiro é responsável pela metáfora paterna, que desenvolveremos logo a seguir, e o segundo é o pai que se casa com a mãe e, do qual podemos contar uma história.

De acordo com Lacan, o pai simbólico é impensável (1956: 15):

O pai simbólico não está em parte alguma. Ele não intervém em parte alguma. A prova disso se encontra na própria obra de Freud.[...] Ele [Jones, considerou a obra principal de Freud e a que lhe é mais cara] [...], *Totem e tabu*, que nada mais é que um mito moderno, um mito construído para explicar o que permanecia em hiância em sua doutrina, a saber: *Onde está o pai?* [...] *Totem e tabu* é feito para nos dizer que, para que os pais subsistam, é preciso que o verdadeiro pai [...], esteja antes do surgimento da história, e que seja o pai morto. [...] E tudo isso, com que fim? Para, afinal de contas, interditar a si mesmos o que se tratava de arrebatar a ele (Lacan, 1956: 215).

Uma vez definido o pai simbólico, cujo papel é instaurar a lei com sua sustentação, investigaremos o que ocorre na metáfora paterna. O próprio conceito aponta que a lei opera a partir de uma metáfora (Lacan, 1962-63: 180) – uma substituição significante. Nela um significante é posto no lugar de outro significante, ou então, uma palavra é substituída por outra.

Porém, não se trata simplesmente de uma substituição conforme citamos, uma vez que a palavra substituída é “elidida” em sua conexão com os significantes da cadeia significante. Neste sentido, e conforme Regnault, “o principal significante a ser substituído é o falo, que representa algo que falta, de modo que, como diz Lacan para o imaginário do sujeito ‘a significação do falo...é evocada pela metáfora paterna’” (1995 84).

A metáfora paterna que resulta em:

$$\frac{\text{Pai}}{\text{Mãe}} \cdot \frac{\text{Mãe}^1}{X}$$

pode ser desmembrada em algumas etapas²:

¹ Lacan, 1962-63:180.

- 1) $\frac{\text{Mãe}}{\text{Filho}}$
- 2) $\frac{\frac{\text{Pai}}{\text{Mãe}}}{\text{Filho}}$
- 3) $\frac{\text{Pai}}{\cancel{\text{Mãe}}} \cdot \frac{\cancel{\text{Mãe}}}{\text{Filho}}$
- 4) $\frac{\text{Pai}}{\text{Filho}}$

Na primeira parte da operação (pai/mãe), a particularidade reside na superposição do pai ao desejo da mãe, ainda não nomeado pela criança. O pai intercede como agente separador entre criança e a mãe, uma vez que o desejo da mãe entra em jogo como desejo de outra coisa, “abandonando” assim, o filho como objeto total do desejo.

Portanto, o desejo da mãe se caracteriza justamente por algo que não tem representação, e que aparece de forma caótica. Por isso, a intervenção do pai inaugura uma primeira organização para o caos configurado por tal desejo.

Lembremos que *Hans* ocupava a posição de complementar à mãe em sua falta como falo imaginário. Chamamos esta relação de dual baseada em termos lineares. Na metáfora paterna, a relação em termos lineares é alterada, pois ocorre uma superposição de um significante, - uma nomeação -, para aquilo que aparece como impossível. Desta forma, o nome organiza o caos concernente ao desejo que remete sempre a um infinito.

Com a introdução do pai como um elemento responsável pela nomeação, a criança necessariamente reestrutura e reorganiza sua posição. A captura marcada pela dualidade lançava *Hans* ao perigo de ora ser e ora não ser aquilo que viria obturar a falta da mãe. Caso ela desejasse outra coisa, *Hans* deixava de ser seu

² O desenvolvimento destas etapas é fruto das elaborações e construções das orientações para a presente dissertação, e se deve, em boa parte a Vieira.

“complemento”, e não lhe restava nenhuma outra saída, senão aquela que lhe impunha deparar-se com a falta para dar-lhe um lugar.

Sendo assim, a falta precisa ser interpretada, ou de acordo com o nosso desenvolvimento, nomeada. O termo “nomeação” servirá como instrumento através do qual iremos relacionar a metáfora paterna com a escolha significativa do cavalo por *Hans*. Veremos que o cavalo no lugar do pai irá nomear o desejo da mãe, criando algumas formas de organização. A fobia será, portanto, o resultado de uma primeira organização.

Mas é preciso chamar atenção para o fato de que não é possível afirmar que a nomeação do desejo da mãe é uma substituição significativa, ou seja, uma metáfora, pois este (o desejo) não é ainda significativo.

Veremos ser possível escrever o primeiro termo da metáfora paterna com algumas equivalências:

$$\frac{\text{Pai}}{\text{DM}} \sim \frac{\text{Cavalo}}{\text{Angústia/Real}} \sim \frac{\text{Cavalo}}{\text{DM}} \quad 3$$

Então a nomeação ocorre através de uma separação entre mãe e filho, fazendo com que possa emergir a pergunta “O que quer essa mulher aí?” (Lacan, 1962-63: 181), desenhando um intervalo na relação dual. Se não é ele, o filho, que ela quer exclusivamente, há algo mais que desperta seu desejo. Este algo a mais que Lacan denominou de para-além da mãe, é escrito como X na metáfora, o que deve ser significado. No entanto, este significado não se reduz a uma significação, introduzindo um elemento complicador. O X, segundo Lacan, corresponderá a um significativo, no qual estará necessariamente incluída a falta. Tal significativo é o falo, que segundo Lacan,

Só pode desempenhar seu papel enquanto velado, isto é, como signo, ele mesmo, da latência com que é cunhado tudo o que é significável. A partir do momento em que é alçado [*aufgehoben*] à função significativa. O falo é o significativo dessa própria *Aufhebung* [suspensão] que ele inaugura (inicia) por seu desaparecimento (1958 b: 699).

³ DM: desejo da mãe.

Portanto, o significante que por excelência porte a falta, será o que Lacan denomina de falo, escrito sob a letra “-φ”, marcado pela inversão de uma positivação, esta que poderia lhe dar significação. Dele depreende-se que sob esta designação, escrita abaixo da barra, há algo que representa a impossibilidade da complementação da falta.

Como podemos constatar, a falta terá um lugar específico na estrutura. No caso *Hans* ela parece não estar em jogo (isto não quer dizer que não há falta para a mãe). Depois ela aparece como pivô da necessidade de reestruturação de *Hans* em sua configuração edípica.

Sendo assim, confirmamos que *Hans* jamais poderia ser o objeto complementar para a mãe, pois o objeto da falta se reduz a ser sempre parcial, constituindo uma impossibilidade de complementação. Este é o papel fundamental do pai da metáfora paterna, ou seja, demarcar este impedimento e inscrever uma delimitação.

O pai é, então, “aquele que priva a mãe do objeto do seu desejo, a saber, o objeto fálico [falo imaginário] [e] desempenha um papel absolutamente essencial [...]” (Lacan, 1962-63: 190).

Mas porque este papel do pai é considerado tão essencial para a análise do caso *Hans*? Observamos um excesso caracterizado pela dualidade e pela complementação na relação com a mãe que gerava muita angústia. *Hans* parecia se identificar com o objeto imaginário da mãe.

Para sair deste impasse era preciso encontrar saídas alternativas para a função paterna, uma vez que a proibição não provinha de seu pai. Como a interdição não depende exclusivamente da figura do pai, *Hans* pôde encontrar e criar suas próprias soluções.

2. Catacrese

A fobia pode ser considerada uma solução deficitária caso seja comparada às soluções sintomáticas clássicas (histerias e obsessões), nas quais a função paterna exerce seu papel de forma a não ser necessária nenhuma solução de reforço para a instauração da lei. Observa-se que, no caso da fobia, a lei não é

internalizada, localizando-se, então, no meio externo, a partir da escolha de um objeto que faça o papel da função de interdição.

Lacan definiu a fobia como uma plataforma giratória⁴ (*plaque tournante*), ou encruzilhada, ou seja, uma solução provisória que antecede a escolha de uma neurose ou perversão.

O que eu queria apontar hoje é, precisamente, que é na fobia onde podemos ver, não inteiramente, algo que seria uma entidade clínica, e sim de algum modo, uma encruzilhada [...] em relação às duas grandes ordens da neurose: histeria e neurose obsessiva (Lacan, 1969: lição do dia 7 de maio).

Bernardino Horne acrescenta que

a fobia é uma plataforma giratória que pode dirigir-se à histeria e à neurose obsessiva, e pode efetuar um enlace com a estrutura da perversão. [...] a fobia, enquanto plataforma giratória, implica um momento de efetuação da estrutura, admitindo que o sujeito, ao confrontar-se inauguralmente com a angústia de castração, soluciona-a provisoriamente, ligando-a ao significante (1998 a: 161).

Se partirmos do princípio de que ela é deficitária, apoiando-nos no viés da carência paterna, somos levados a aproximar a fobia às considerações acerca da psicose, estrutura essencialmente definida pela ausência da inscrição do Nome-do-Pai.

Por outro lado, se a fobia é um momento lógico que antecede a “escolha” de uma estrutura clínica, podemos ser impelidos ao impasse que não a consideraria uma neurose propriamente dita.

No entanto, privilegiamos nos referir à solução fóbica como escolha de uma via que apóia na eleição de um objeto a ser temido, uma saída de reforço à metáfora paterna.

Pequeno Hans encontrava-se aprisionado numa sutil armadilha. A princípio sua posição parecia ideal, ser aquilo que faltava à mãe. Porém, este posicionamento lançava *Hans* em um impasse evidenciado por um excesso de angústia. A fim de não ser capturado nesta armadilha, tornava-se urgente a

⁴ Recolhemos no Seminário 5 “As formações do inconsciente” (1957-58:299) de Lacan, o momento onde se refere à encruzilhada (*Carrefour*), o qual interpretamos como ponto de confrontação, ou plataforma, na qual será decidido um rumo. O termo “plataforma giratória” pode ser encontrado em dois momentos do Seminário 6 “O desejo e sua interpretação”: Lições 18/03/59 e 10/06/59.

instauração, ou como preferimos chamar, a inclusão de um intervalo entre a relação essencialmente dual.

A saída encontrada para se desvencilhar de tal captura, consistiu na eleição de um objeto fóbico que se desdobrava em funções extremamente importantes.

A angústia decorrente da relação com sua mãe encontrava-se agora sob o nome, ou sob o significante “cavalo”. Como vimos, Lacan afirma que os cavalos são portadores da angústia, resultando nesta espécie de nomeação para a angústia.

Vimos que a incidência do pai permite a localização de uma certa falta, e consideramos ainda que a função lógica da falta se aproxima do que Lacan denomina real, ou seja, um campo sem imagens, sem contornos definidos, sem representações, isto que será descrito na metáfora paterna sob o significante “falo” $(-\phi)$. Desta forma aproximamos o falo, signo da falta, do real, como aquilo que precisa ser incluído como registro que comporta a ausência de significação.

Na análise da metáfora paterna do caso *Hans*, o real localiza-se abaixo do nome “cavalo”. A metáfora promove o estabelecimento de uma relação entre significante e real, organizando através da escolha significante “cavalo”, a delimitação da angústia. Existe um objeto na cidade que não pode ser encontrado, mas que por outro lado, organiza a vida de *Hans* naquela cidade.

Para designar esta função contida no significante cavalo, Lacan descreve que este vem no lugar daquilo que não pode ser significado para *Hans*, o desejo da mãe, que aponta para além de seu desejo pelos filhos: *Hans* e *Hanna*.

$$\frac{I}{M + \phi + \alpha}$$

I= cavalo; M= mãe; ϕ = *Hans*; α = *Hanna*

Sabemos que a fobia soluciona o impasse edípico e a angústia prevalente neste impasse, por meio de algumas particularidades. Recorremos a uma figura de linguagem, a catacrese⁵, figura pela qual uma palavra se emprega com sentido desviado da natural significação, por falta de uma palavra própria. São exemplos de catacrese: “embarcar no trem”, ou “folha de papel”, ou ainda “enterrar uma

⁵ Agrademos a Vieira pela sugestão do conceito de “catacrese” para o desenvolvimento deste ponto.

agulha na pele”. A catacrese baseia-se em processo semelhante ao da metáfora (Larousse, 1987). De acordo com Derrida ela é “uma inscrição violenta, abusiva – de um signo ou imposição de um signo a um sentido que não possuía ainda signo na própria língua...” (Derrida, 1991, apud Rego, 2005: 296).

Consideramos a fobia uma solução que reforça o pai. No caso *Hans*, o cavalo aparece quase como uma primeira nomeação como se fosse equivalente ao pai, e não como uma substituição significativa deste desejo.

Neste sentido, tanto a catacrese quanto a metáfora paterna são meios parecidos de nomear aquilo que não é apreensível ou que não tem significação própria, como por exemplo, o desejo da mãe.

Poderíamos ficar tentados a qualificar a fobia por seu objeto - o cavalo, no caso - se não percebêssemos que este cavalo vai muito além daquilo que é o próprio cavalo. Trata-se primordialmente de uma figura heráldica, que é prevalente, que centra todo o campo, e que está prenhe de todas as espécies de implicações: de implicações significantes, em primeiro lugar (Lacan, 1956-56: 311).

Desta citação de Lacan depreendemos que o cavalo concentra em si o valor significativo como uma primeira solução ao desejo.

Ernesto Laclau contribui com o questionamento sobre as soluções paralelas para o real, indagando o que seria um significante vazio, designando-o justamente como um significante ao qual não corresponde nenhum significado. A escolha do significante cavalo que caracteriza o objeto fóbico temido parece delineada com a concepção do significante vazio. O cavalo vem no lugar de quê? Vemos com a angústia, que não é no lugar de outro significante, mas pelo contrário, cavalo vem no lugar do que é real, o que denominamos também de desejo da mãe.

Recorrendo às contribuições de Laclau, a catacrese é um tipo de figura de linguagem que não tem um termo literal de designação (2004 c: 21). Ela é um termo figurativo que não substitui nenhum outro termo, nenhum outro nome ou significante, assim como o cavalo é um termo que não substitui em termos significantes. Sua função no caso *Hans*, como vimos, é a de conter um excesso de angústia.

Portanto, a metáfora paterna e a catacrese são figuras de uma mesma operação: a nomeação como delimitação do real.

Aproximando o que Lacan chamou em 1979 de excedente pulsional, ao excesso de angústia decorrente da relação de *Hans* com sua mãe, escolhemos uma passagem de Lacan, com a intenção de ilustrar tal processo de nomeação:

[...] para utilizar o efeito da insistência desse excesso, [...] nascido na falta de significante [...], volta-se sobre o mesmo e procede à nomeação, a metaforização desse significante, sempre pelo fato de não cessar por não encontrar o ponto desde onde insiste. (1979: lição de 8 de maio de 1979)

3. A fobia e o mito como delimitação do real

Lacan atribuiu aos mitos algumas funções de extrema importância. Segundo ele, os mitos têm caráter de narrativa atemporal, de ficção, são inesgotáveis e mais próximos da estrutura que dos conteúdos, ou seja, daquilo que define posições.

Segundo Vieira,

Com a noção de estrutura Lacan pode elaborar uma categoria fundada em uma determinada articulação de seus elementos, relativamente independente de suas essências. Uma categoria aqui não compreende uma mesma classe de objetos afins, mas uma mesma operação, ou melhor, uma série de acontecimentos produzidos a partir das mesmas leis (1999:87-100).

Nos mitos,

cabe a nós, apenas, perceber que se trata da vida e da morte, da existência e da não-existência, do nascimento, em especial, isto é, da aparição daquilo que ainda não existe. Trata-se, pois, de temas ligados, [...], à existência do próprio sujeito [...] (Lacan, 1956: 259).

É em torno destes temas que *Hans* se depara ao constatar a urgência em se re-posicionar e em re-configurar sua cena edípica. No entanto, isto que Lacan chama de existência do próprio sujeito, implica novas soluções, visto que ela chama por um descolamento da relação como falo imaginário. Percebe-se que a questão da existência como sujeito é ressaltada para *Hans* ao se confrontar com a falta da mãe, que instaura uma separação, ou uma indagação, diferentemente do complemento que parecia poder ser para ela. Na relação definida a partir de sua

posição como objeto não havia intervalo algum para que a falta da mãe aparecesse.

Mas como *Hans* poderia incluir esta falta se tanto o pai quanto a mãe insistiam em responder-lhe tudo? Veremos que os mitos terão uma função bastante específica, e a partir deles *Hans* poderá recolocar-se, ou seja, modificar seu posicionamento.

Para Lacan, a estrutura inclui elementos e posições lógicas que independem e se separam da presença encarnada de tais elementos, como a mãe, o pai, a criança e o falo.

Dessa forma, estruturalmente, o pai se desdobra nas funções, a saber: pai imaginário, pai simbólico e pai real. Isto produz a concepção que privilegia as funções lógicas. A construção e a análise de um caso clínico que segue este viés estrutural não se baseiam em fatos que dizem respeito ao desenvolvimento do caso em questão, mas articulam isto que apresentamos como funções lógicas. Os quatro elementos citados acima, a saber, - pai, mãe, criança e falo podem ser articulados de diferentes formas. Assim os registros, imaginário, simbólico e real estão constantemente inseridos nesta interligação característica das funções lógicas. Nos dois mitos que Lacan destaca, veremos que o primeiro é principalmente marcado pelo imaginário, pois os elementos se encontram em termos de igualdade. Há uma espécie de linearidade entre mãe e criança. No segundo, Lacan dirá que está evidente uma modificação na relação privilegiada em termos simbólicos. Contudo, isto não significa que haja uma etapa que antecede ou sucede a outra. *Hans* não passa de uma relação imaginária para uma relação simbólica. Logicamente, um determinado posicionamento ressalta uma relação ou outra, focalizando certos aspectos que se alternam entre os registros, imaginário, simbólico e real.

Ressaltamos desde o início que, de acordo com Freud, aparece um excesso de angústia na fobia. No Seminário 4 Lacan o privilegia, nomeando-o de imaginário, do qual deriva a angústia. Ela está intimamente vinculada a tal relação, visto que é calcada em termos lineares, dificultando a inclusão do que chamamos da diferença entre os sexos ou, então, de real. Há algo desta diferença que é impossível de ser respondida e que necessita de um lugar estrutural. Porém, a relação imaginária se estabelece, obturando praticamente qualquer possibilidade da entrada em cena e da participação da diferença no jogo edípico.

O mito se aproxima da estrutura e esvazia os componentes que constituem a relação edípica, resumindo-os a funções e localizações dentro da própria estrutura como uma gramática.

São essas as condições estruturais que determinam – como gramática – a ordem das invasões constitutivas do significante, até a unidade imediatamente superior na frase, e – como léxico – a ordem dos englobamentos constitutivos do significante [...] (Lacan, 1954:505).

Sendo assim, a intervenção paterna não depende exclusivamente da figura do pai na família, e a mãe não precisa ser a mãe biológica. Recontamos parte da história de *Hans* com sua problemática, e culminamos no que nos importa afinal, a saber, as posições lógicas representadas por tais personagens.

A estrutura esvazia a importância do conteúdo que fixa e aprisiona um nome/idéia a um significante, permitindo a leitura de nomes como significantes atrelados às suas diferentes funções.

O primeiro mito que escolhemos relata uma fantasia de *Hans* calcada na prevalência da relação imaginária. Segundo o próprio menino:

De noite havia uma girafa grande no quarto, e uma outra, toda amarrotada; e a grande gritou porque levei a amarrotada para longe dela. Aí, ela parou de gritar; então me sentei em cima da amarrotada (Freud, 1909:40).

Lacan (1956) discorda da interpretação do pai de *Hans* a respeito deste relato, que atribuía à girafa grande um substituto de sua própria figura. Ela estaria representando-o devido ao pescoço longo, associado ao pênis. A girafa pequena, amarrotada seria a mãe, ou melhor, o representante do órgão genital da mãe. Evidencia-se nestes termos de correlação algo que o pai de *Hans* tenta apreender. Ele dá nomes aos elementos míticos de *Hans*, aprisionando-os a representações definidas, neste caso, os órgãos genitais.

No entanto, Lacan dirá que neste mito prevalece a relação em termos de igualdade, ou em termos metonímicos, relação na qual *Hans* e a mãe encontram-se em pé de igualdade. Constatamos que as girafas ocupam posições lógicas que obedecem a certas regras.

Uma girafa grande e uma pequena, elas são iguais, uma é o dobro da outra. Existe o lado do *grande* e *pequeno*, mas também existe o lado *sempre girafa*. (...) A criança, na sua totalidade, é o falo. Logo, no momento em que se trata de restituir

à mãe o seu falo, a criança faliciza a mãe por inteiro, sob a forma de forma de um duplo. Ela fabrica uma metonímia da mãe (Lacan, 1956:269-270).

Parece não haver nada além de elementos iguais que podem ser comparados entre si, a grande e a pequena girafa, agrupados linearmente.

Mas onde poderíamos localizar, por exemplo, algo do real se a relação é predominantemente imaginária? O mito e sua estrutura lógica podem re-agrupar ou re-arrumar as funções de cada um dos elementos, fazendo-os circular. No contexto estrutural, o real e o simbólico não se excluem, mesmo que o olhar seja lançado em direção à predominância imaginária das relações. Portanto, neste exemplo, a girafa amarrotada, sem forma, estranha, aponta para algo da ordem do real. Por isso nos autorizamos a chamá-lo de mito.

Apesar de Lacan se referir a este relato de *Hans* como fantasia, autorizamos-nos a designá-lo de mito, de acordo com o desenvolvimento apresentado acerca das posições estruturais.

Concluimos com este mito no qual prevalece a relação imaginária, sem que, contudo, os outros registros sejam excluídos. Os elementos circulam e ocupam diversas funções.

Lacan acrescenta ainda que os mitos contarão uma história a partir da assunção do falo como falo simbólico. A seguinte passagem faz *Hans* sair da posição essencialmente definida como falo imaginário, objeto complementar e assumir uma nova posição. O falo poderá ser também tomado no jogo simbólico; ele circula, e serve como um elemento de mediação. Vemos ocorrer uma mudança de tal forma importante que Miller determina este mito como representante da cura da fobia de *Hans*.

No transcurso da lógica da cura do *pequeno Hans*, Lacan diz - em uma única frase - que a transformação essencial que se consegue nesta cura é a elaboração fantasmática que faz o *pequeno Hans*, ao aceitar transformar a mordida da mãe no trabalho de desatarrachar a banheira (Miller, 1995:66).

Em Freud encontramos o segundo mito que confere a cura de *Hans*:

“Escuta”, disse ele [*Hans*], “eu pensei uma coisa hoje”. Primeiramente ele tinha esquecido o que era, mais tarde, porém, ele contou o que se segue, mas com sinais de considerável resistência: “o bombeiro veio; e primeiro ele retirou o meu traseiro com um par de pinças, e depois me deu outro, e depois fez o mesmo com

o meu pipi. Ele disse: ‘deixe-me ver o seu traseiro!’ Tive que dar a volta, e ele levou; depois disse: ‘deixe-me ver o seu pipi!’” (Freud, 1909:92)

O falo imaginário, diz Lacan, está sob uma forma de garantia na relação linear (Lacan, 1956: 271), ou então, utilizando as palavras de Freud, ele está “enraizado”. É sob esta circunstância que a fobia aparece, sob o fundo de angústia, devido à cola de *Hans* à posição de falo imaginário. Não há nenhuma outra posição para ele, senão aquela que diz respeito ao falo enraizado, estanque em sua relação.

Jacques-Allain Miller sustenta que antes deste mito apresentado acima, *Hans* contara uma outra história que se passa na banheira, na qual é possível definir a passagem entre sua posição como falo imaginário para a simbolização de um novo lugar diante dela. Diz que “primeiramente, [a mãe] aparece para ele como uma potência opaca, ameaçante, sem lei” (Miller, 1995:67) e por fim *Hans* consegue tomar a mãe “não mais como uma nuvem opaca, mas sim, como uma metódica desmontagem de um aparelho” (Miller, 1995:67). Vale notar que a banheira tem uma função interessante, pois seu traseiro conseguia encaixar-se exatamente no buraco da banheira.

No segundo mito, o falo imaginário é retirado, deixando um vazio à mostra e, em seguida é recolocado. Neste processo, aparece uma brecha (um furo) que pode ser incluída no jogo. Se a fobia é marcada essencialmente pela angústia, é justamente porque não há brecha, intervalo. Tudo está lá, determinado. A diferença entre os sexos, não pode ser simbolizada se não houver a inclusão de tal intervalo.

Para concluirmos o presente capítulo, deixaremos indicado que os três processos de nomeação para o real (metáfora paterna e catacrese), o traçado dos circuitos como uma rede que inclui proibições, e agora os mitos que tecem histórias em torno de um furo, são todos meios que delimitam o real no sentido de localizar a falta.

Capítulo 4. Angústia e segredo

1. O pai impossível ou de um pai morto

O problema ressaltado na discussão do caso *Pequeno Hans* consiste na dificuldade em localizar um ponto desprovido de sentido, de ausência de resposta, ou então, da impossibilidade diante da indagação de *Hans* a respeito das questões concernentes à diferença entre os sexos, visto que seus pais caracterizavam-se por serem ávidos em lhe fornecer toda sorte de respostas.

Partimos do pressuposto de que é necessário que *Hans* localize um ponto que inclua a impossibilidade que, em outras palavras, consiste em uma ausência de representação em termos significantes.

De acordo com Lacan, esta operação está estreitamente ligada à função do pai e é atribuída a ele em termos simbólicos. Ou seja, este pai institui algo impossível de ser representado, independentemente de sua presença. Optamos, então, por iniciar nossa investigação a respeito da impossibilidade de articulação signifiante, a partir da abordagem do pai, este que sob a designação e sob a função do pai simbólico representa a lei, instaurando uma impossibilidade. Dito de outra forma, a impossibilidade deriva do pai em sua função interditora.

A primeira operação concernente ao pai consiste em tornar a mãe interdita para o filho. No entanto, sabemos não se tratar de uma mera separação entre corpos, pois o que se produz tem um caráter bem mais amplo. Esta interdição resulta na “interiorização” de uma lei advinda da proibição, que pressupõe algo que jamais poderá ser alcançado. Só assim é produzido um intervalo “interiorizado”, impossibilitando um encontro complementar entre mãe e filho.

Lacan se refere ao pai simbólico como pai impossível, já que ele não é representável, nem apreensível. Sua “existência” está ligada à função de fazer valer a lei que inclui, necessariamente, um ponto de ausência.

[...], o que lhes quero indicar aqui é que o pai simbólico é, falando propriamente, impensável. O pai simbólico não está em parte alguma (Lacan, 1956:215).

Este pai não existe, tanto pelo fato de não ser e nunca ter sido encarnado, quanto pelo fato de que seu acesso só é possível através de uma significação que sempre estará aquém de representá-lo.

De acordo com Regnault, Lacan se refere em “Função e campo da palavra e da linguagem na psicanálise” (1953) ao pai, cuja função é suportar o símbolo e erigir a ordem simbólica.

O homem é constituído por essa ordem: “*O homem fala, pois, mas porque o símbolo o fez homem.*” (*Ecrits*, 65). Seguindo Lévi-Strauss, que fornece a Lacan as leis formais e estruturais das relações – uma ordem simbólica constituída em torno de uma espécie de vácuo, que é a proibição do incesto – Lacan observa: *é no Nome-do-Pai que devemos reconhecer o suporte da função simbólica que, desde o início da história, identificou sua pessoa com a figura da lei.* [...] (Regnault, 1997 a: 81).

A lei, sustentada pela função do pai, comporta um vácuo, como observa Regnault. Tal condição define-se justamente por ser um espaço não ocupado por coisa alguma, um vazio, um vão (Hollanda, 1985:488). O vácuo contém nada.

Onde se localiza, então, para *Hans*, tal ponto vazio? As respostas advindas de seus solícitos pais, pareciam poder anular a possibilidade de instituir a diferença como vácuo. Desta forma, isto que denominamos com Regnault de vácuo, ou também, de vazio - outros nomes para a impossibilidade - ficavam ameaçados ao serem praticamente obturados com respostas que lhe conferiam um possível sentido. Em consequência disso, *Hans* angustiava-se, pois como vimos, a angústia é definida por Lacan como a “falta da falta”.

De acordo com o que Freud elaborara em “Inibição, sintoma e angústia” (1925[1926]), a angústia produz o sintoma como resposta. Devido ao excesso de angústia reconhecido no caso *Hans*, produziu-se a fobia. No entanto, a relação entre fobia e sintoma é bastante delicada, pois *Hans* escolheu uma solução paralela, uma alternativa para dar um rumo à angústia.

Por meio da escolha do cavalo, ele encontrou uma forma de manter tal objeto afastado, localizando nele, algo que viesse encarnar uma impossibilidade. Mas é possível afirmar também, que *Hans* havia erigido uma solução que, no

entanto, o mantinha refém da condição de ter que se manter constantemente atento para permanecer afastado do objeto presente na realidade.

Concluímos, portanto, que *Hans* pôde, à sua maneira, localizar, e delimitar uma impossibilidade, mesmo que ela estivesse, a princípio, ligada ao cavalo.

1.1 A morte necessária de *Don Juan*

Don Juan, personagem espanhol, cuja fama é atribuída por conquistar todas as mulheres que desejava, aproxima-se do que Freud definiu como pai mítico, o pai de “Totem e Tabu” (Freud, 1913 [1912-13]). Como o pai mítico é um pai impensável e impossível, também *Don Juan* não poderia ter outra saída, que não aquela de se submeter a alguma inscrição da lei, ou seja, não poderia continuar infinitamente conquistando todas as mulheres.

Este é o ponto de partida da análise do autor Otto Rank a respeito da história de *Don Juan* (em “*Die Don Juan Gestalt*” – 1924 b), constata-se uma dupla relação entre o próprio *Don Juan* e *Leporello*, duas faces indissociáveis.

[...] não podemos imaginar *Don Juan* dissociado de seu vassalo e ajudante *Leporello*, não está ligado à dependência racional entre eles, como expressa a trama, não é mais precisamente uma noção de dependência da ordem dos sentimentos de seu pertencimento psicológico como produto poético (Rank, 1924 b: 16; tradução da autora).

Segundo Rank, Shakespeare muitas vezes separou um único caráter em duas pessoas (personagens). Cada uma parece incompleta enquanto não se juntar com a outra metade.¹

Trata-se de uma divisão ou de uma cisão específica de um ser (*Gestalt*) em duas figuras que juntas resultam em um caráter completo. *Don Juan* e *Leporello* aparecem sempre juntos na narrativa e isto teria uma função importante.

Don Juan não teme a morte nem o diabo e, segundo Lacan, ele “é um homem a quem nada falta” (1962-63:212).

¹ Segundo o autor, isto estaria presente também nas grandes obras como as de Cervantes, Balzac, Goethe, Dostojewski, até a literatura moderna. (1924 b: 17)

Em contrapartida, *Leporello* representa o outro lado que consiste na crítica, no medo e na consciência, encarnando a função de castração e de proibição deste personagem sem limites e não submetido à lei. Segundo Rank, a função de *Leporello* é censurar e criticar, além de ser responsável pelo recalque de desejos proibidos. Ele é o “órgão de controle” de *Don Juan* (1924 b: 18-19).

Este se apossa do corpo de inúmeras mulheres de forma ilimitada, desconhece as razões ideais e não tem sentimentalismos nem, tampouco, racionalizações. Rank afirma que o caráter heróico de *Don Juan* somente é mantido, por estar sozinho, ou seja, porque não compartilha desta posição com nenhum outro homem. Encontra-se sozinho diante de um mundo de inimigos e de um submundo repleto de perigos. No entanto, seu caráter heróico não se sustenta. *Don Juan* está identificado com aquele que deve cair, e é perseguido até o fim.

A morte de *Don Juan* é o desfecho necessário para este homem que tudo pode, pois a lei só adquire seu valor com a interdição desta potência máxima que encarna, para a qual tudo seria permitido.

Transpondo esta breve articulação a respeito da necessidade de interdição de *Don Juan*, à discussão anterior sobre a lei, referida ao pai simbólico, - e inexistente -, veremos que é a partir dela que se constitui, e que se instaura uma impossibilidade “internalizada”.

Vale ressaltar que *Leporello*, como duplo de *Don Juan* se assemelha à função do cavalo no caso *Hans* como meio de fazer valer alguma interdição, criando algumas proibições e impossibilidades.

Mas, como vimos, as ameaças encarnadas tanto por *Leporello* quanto pelo cavalo, objeto temido por *Hans*, não valem como leis universais. Neste sentido, *Leporello* não encarna o pai. Eles vêm, externamente, criar um impedimento, como alternativa para o pai.

Com Lacan acrescentamos que o pai da lei é um pai mítico.

Totem e Tabu é feito para nos dizer que, para que os pais subsistam, é preciso que o verdadeiro pai, o pai singular, o pai único, esteja antes do surgimento da história, e que seja o pai morto. Mais ainda: que seja assassinado. E, realmente, como isso poderia ser pensado fora do valor mítico? (Lacan, 1956:215).

Não é possível alcançá-lo, senão através da crença em sua existência. Este pai sustenta a premissa que alguém, em algum lugar, sabe, saber que, no entanto,

não poderá ser alcançável em sua totalidade. O saber limita-se à impossibilidade de “toda significação”.

2. Das *Unheimliche* e objeto a

2.1 Do corpo ortopédico ao corpo estranho

Em 1949, ao escrever o texto “O estádio do espelho como formador da função do eu”, Lacan formula que a imagem vista e refletida no espelho depende do reconhecimento pela mãe como Outro², constituindo desta forma uma aparente unidade que permite a cada um reconhecer-se diante do espelho e dizer “este sou eu”.

O estádio do espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação – e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica [...] (Lacan, 1949: 100).

A razão pela qual Lacan chama a imagem do corpo de ortopédica demonstra que somente desta forma, o corpo pode ser considerado limitado, definível por seu contorno, compondo um corpo “inteiro”.

A imagem que supomos nos constituir, necessariamente passa pelo Outro, aquele que ratifica, que olha. Essa ratificação é a presença de um vazio na imagem, algo fora dela, e inapreensível. A essência da linguagem e do simbólico também se define por esta concepção de há algo ali, que é o furo.

[...] a relação especular vem [...] depender do fato de que o sujeito se constitui no lugar do Outro, e de que sua marca se constitui na relação com o significante. Na simples imagenzinha exemplar da qual partiu a demonstração do estádio do espelho – o chamado momento jubilatório em que a criança vindo captar-se na experiência inaugural do reconhecimento no espelho, assume-se como totalidade que funciona como tal em sua imagem especular [...] a criança se volta, [...], para aquele que a segura, [...], através desse movimento de virada da cabeça, [...], ela parece pedir a quem a carrega, e que representa aqui o grande Outro, que ratifique o valor dessa imagem (Lacan, 1962-63: 41).

² Ver nota de rodapé, p. 30.

Em 1962-63, acrescenta então, que existe algo do corpo que não é investido libidinalmente, que sobra como um resto, que conseqüentemente, não é refletido na imagem especular. Isto justifica a existência de um hiato tanto na imagem especular quanto no significante, pois nenhum significante nomeia ou designa este resto que não é apenas não representável, e que é ao mesmo tempo, tão particular e inapreensível, quanto concreto.

A mudança fundamental entre a concepção do objeto na época em que Lacan proferia o seu quarto seminário “A relação de objeto” (1956) e, mais tarde, no seminário 10, “A angústia” (1962-63), consiste no seu esvaziamento significativo, e sua concomitante incrementação real.

Segundo Lacan, a notação algébrica a tem a função específica de identificar o objeto “externo a qualquer definição possível da objetividade” (1962-63:98-99).

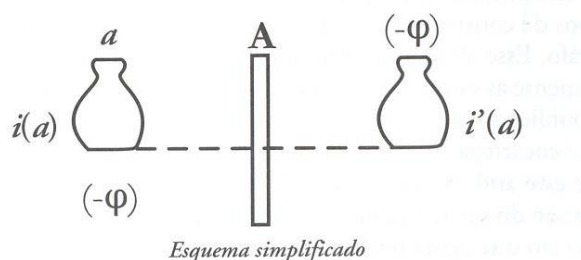
Enquanto no primeiro momento tratava-se de um objeto possível de ser designado, - o cavalo – aquele que portava a angústia; em 1962-63, Lacan se refere ao objeto destituído de qualquer representação. O objeto “é um resto que escapa ao estatuto do objeto derivado da imagem especular” (1962-63:50)

Sobre o objeto a , Lacan escreve:

Seu status é tão difícil de articular, que foi por aí que entraram todas as confusões na teoria analítica. Esse objeto a , do qual só fizemos esboçar as características constitutivas, e que hoje pomos aqui na ordem do dia, é sempre dele que se trata quando Freud fala de objeto a propósito da angústia. A ambigüidade decorre de não podermos fazer outra coisa senão imagina-lo no registro especular. Aqui, trata-se precisamente de instituir uma outra forma de imaginarização, se assim posso dizer, na qual se defina esse objeto (Lacan, 1962-63:50).

Lacan apresenta um “esquema simplificado”³ (1962-63:54), que auxilia a localização da relação do objeto a com a imagem refletida no espelho.

³ $i(a)$: imagem real; $i'(a)$: imagem virtual; a :objeto; A : Outro, $-\phi$: falo.



Neste esquema Lacan desenha do lado esquerdo a imagem real (da realidade) – $i(a)$, e do lado direito a imagem refletida (imagem virtual) $-i'(a)$. Ao se espelhar, o objeto a , por não ser representável, aparece sob o signo $-\phi$, uma “reserva imaginariamente imperceptível” (1962-63:49).

O objeto a , como resto caído da imagem real (da realidade) resulta no reflexo do espelho (imagem virtual) escrevendo-se sob o signo $-\phi$. O falo “não é visível nem presentificável, porque não entra no imaginário” (Lacan, 1962-63:50). Ele vem sob a forma de uma falta. Vejamos que a imagem refletida necessariamente passa pelo Outro, daquele que provém o investimento libidinal. Como o Outro é marcado por uma falta, e a imagem se constitui em relação a tal alteridade, ela também portará uma falta.

Se nem todo corpo é investido, a imagem refletida comportará sob a forma não-ortopédica, algo que na própria imagem se mostra como uma profunda ausência de representação, que é impossível ser descrita e posta em termos significantes.

2.2 O objeto como *unheimlich*: algo que não pertence à imagem

A imagem de um corpo, refletida no espelho, pode parecer estranha em alguns momentos. Há algo nela que não parece pertencer àquele que se vê no espelho. Trata-se de um desconhecimento naquilo que se acredita ser o mais próprio, a imagem do corpo. Este fenômeno do estranhamento, que nomeia o texto

de Freud “*Das Unheimliche*” (1919), comporta esta dupla face: a marca da estranheza, de um desconhecimento de si, naquilo que nos é mais familiar.

Freud relata a situação na qual se depara com um homem estranho, ao qual denomina de intruso e, em seguida, descobre que este homem não passa de sua própria imagem refletida. Este é o próprio fenômeno do *unheimlich*, do desconhecimento de si mesmo, do estranho-familiar.

Estava eu sentado sozinho no meu compartimento no carro-leito, quando um solavanco do trem, mais violento do que o habitual, fez girar a porta do toalete anexo, e um senhor de idade, de roupão e boné de viagem, entrou. Presumi que ao deixar o toalete, que ficava entre os dois compartimentos, houvesse tomado a direção errada e entrado no meu compartimento por engano. Levantando-me com a intenção de fazer-lhe ver o equívoco, compreendi imediatamente, para espanto meu, que o intruso não era senão o meu próprio reflexo no espelho da porta aberta. Recordo-me ainda que antipatizei totalmente com a sua aparência. [...] Não é possível, entretanto, que o desagrado que provocaram em nós fosse um vestígio da reação arcaica que sente o duplo como algo estranho? (Freud, 1919:265).

Mas nem sempre a experiência de se ver de forma espelhada, causa este estranhamento, pois tal fenômeno não ocorre no exemplo do personagem *Don Juan*, que não é marcado pela falta.

Além disso, Lacan diz que a angústia surge nas circunstâncias nas quais o estranhamento se apossa do sujeito, ou seja, quando surge “um mecanismo [que] faz aparecer alguma coisa no lugar que chamarei [...] $-\phi$, que corresponde do lado direito [imagem virtual], ao lugar ocupado, do lado esquerdo [imagem real], pelo a do objeto do desejo (Lacan, 1962-63:51). Neste caso, a falta ($-\phi$) é obturada pelo aparecimento do objeto *a*, causando um profundo estranhamento.

Em $i(a)$, o objeto está contido na imagem, podendo-se presentificar, saltar aos olhos, e este é o encontro que angustia. Chegar perto demais do objeto *a*, causa problemas, pois sua presença superpõe-se à falta. Lacan formula a famosa referência à angústia no Seminário 10, qual seja, que esta surge quando a “falta falta” (1962-63:52), e que nos norteou na análise do caso *Hans*.

A imagem serve, pois, para camuflá-lo, pois seria impossível e insuportável viver com a presença deste objeto particular. A luva na música “Cor de cinza” de Noel Rosa serve de exemplo para algo que reveste um resto que

serve de documento “*com que provo meu esquecimento*”. A luva faz o resto se inscrever, mas como faltoso.⁴

Desta forma introduzimos que o objeto *a* é o que resta de não-simbolizável, impossível de ser compreendido em palavras. Seu aparecimento produz um desconcerto, um mal-estar naquele que, por exemplo, se depara com sua própria imagem e não a reconhece como identidade.

É justamente este estranhamento que traz à cena, no interior da constituição de um limite, a saber, o corpo, algo do que é inapreensível, ou seja, o objeto *a*, uma não representação. Assim, também o fenômeno do estranhamento inerente à presença deste objeto, escapa ao sentido.

2.3 O estranho na literatura fantástica

Sentimos que o fantástico diz coisas que se referem diretamente a nós, embora estejamos menos dispostos do que os leitores do século passado a nos deixarmos surpreender por aparições fantasmagóricas, ou melhor, estamos prontos a apreciá-las de outro modo, como elementos da cor da época (Calvino, 2004 b: 9).

Com Ítalo Calvino, ressaltamos que a surpresa por aparições fantasmagóricas diz respeito a algo da ordem do estranhamento, e ao que é impossível de ser dito em termos significantes. Trata-se da presença do objeto *a* impossível de ser materializado sem grandes perturbações no enquadre cotidiano da realidade.

Segundo Calvino, a produção de contos fantásticos é característica do século XIX e nasce de uma especulação filosófica cujo “tema é a relação entre a realidade do mundo que habitamos e conhecemos por meio da percepção e a realidade do mundo do pensamento que mora em nós e nos comanda” (2004:9).

⁴ Esta música faz parte do programa da aula de graduação de Marcus André Vieira na PUC-Rio, no item sobre “objeto *a*” (abril de 2005). Noel Rosa “Cor de cinza”. Com seu aparecimento/ Todo o céu ficou cinzento/ E São Pedro zangado/ Depois, um carro de praça/ Partiu e fez fumaça/ Com destino ignorado/ Não durou muito a chuva/ E eu achei uma luva/ Depois que ela desceu/ A luva é um documento/ Com que provo meu esquecimento/Daquela que me esqueceu/Ao ver um carro cinzento/ Com a cruz do sofrimento/ Bem vermelha na porta/ Fugi impressionado/ Sem ter perguntado/ Se ela estava viva ou morta.
A poeira cinzenta/ Da dúvida atormenta/ Não sei se ela morreu/ a luva é um documento/ De pelica e bem cinzento/ Que lembra quem me esquece.

Portanto são dois os elementos que compõe o fantástico: o conhecido e o impossível de ser compreendido.

O conto “O Homem de Areia” originalmente *Der Sandmann*, escrito por E.T.A Hoffmann, data do início do século XIX (1817), e é classificado como um conto fantástico por apresentar uma narrativa que inclui elementos de ficção que remetem à certas relações humanas irracionais.

Para Calvino, o que definimos por estranho se relacionaria, a princípio, com estas chamadas relações humanas irracionais, ou seja, sem explicação. O que veremos é que isso que escapa à compreensão é ao mesmo tempo extremamente próprio aos fenômenos humanos e à particularidade de cada sujeito.

Segundo Todorov, em “Introdução à literatura fantástica” (1939), o fantástico mantém sempre uma dupla relação de realidade e de não-realidade. Segundo o autor há sempre um conflito (representado pela não-realidade) no conto fantástico.

A ambigüidade se mantém até o fim da aventura: realidade ou sonho? Verdade ou ilusão? Somos assim transpostos no âmago do fantástico. Num mundo que é exatamente o nosso, aquele que conhecemos sem diabos, sílfides nem vampiros, produz-se um acontecimento que não poderia ser explicado pelas leis deste mesmo mundo familiar. (Todorov, 1939: 30).

Segundo Todorov, o leitor deve optar se, no conto fantástico, se trata de uma ilusão dos sentidos ou de um acontecimento real. No caso da escolha por esta última opção, a realidade será “[...] regida por leis desconhecidas para nós”. (1939: 30). Ou seja, haverá a dupla coexistência da realidade e a impossibilidade de reconhecê-la como tal.

É a isto que Freud se refere no texto “*Das Unheimliche*” (1919), substantivo de origem alemã, à qual se atribui uma significação que se desdobra em estranho e familiar.

Consideramos que o termo freudiano “*unheimlich*” representa de forma exemplar esta dupla face inseparável. O estranho é aquilo que assusta, aquilo que se apossa do sujeito, e ao mesmo tempo, é o que aponta para o mais familiar. A elaboração de Freud do estranho-familiar remete à coexistência de duas faces.

Para Lacan o estranhamento tem o nome de uma letra. É o objeto *a*, cuja presença angustia, mas cuja materialização é impossível.

Exploramos no conto “O Homem de Areia”, de Hoffmann, justamente o que caracteriza esta ambigüidade coexistente no conto fantástico. Neste conto, o leitor confunde-se ao longo da narrativa com alguns elementos que comportam tanto a dimensão da realidade, quanto a da fantasia, - isto que comporta a dimensão do que é inapreensível ou impossível de ser significado - com a importante particularidade que esta se torna tão poderosa chegando a, às vezes, “toma conta” do personagem principal, *Natanael*. Seu tormento origina-se da presença do “Homem de Areia”.

2.3 “O Homem de Areia”

O conto “Homem de Areia” retrata a história de *Natanael*, um jovem homem atormentado por uma idéia que tem início na sua infância e que perdura até sua fase adulta.

Desde pequeno ouvia sua mãe lhe contar que o “Homem de Areia” estaria chegando em sua casa, o que significava que deveria ir dormir. *Natanael*, que pouco via seu pai durante o dia, era impedido de continuar na presença dele, nos dias em que o “Homem de Areia” apareceria.

Este, ao chegar, fazia as crianças ficarem com tanto sono que não conseguiriam manter os olhos abertos, como se neles tivesse jogado areia. Esta forma aparentemente ingênua da mãe de *Natanael* lhe fazer dormir se agrava por dois motivos importantes.

O primeiro: nas noites específicas em que o “Homem de Areia” apareceria para jogar-lhe areia nos olhos, seu pai, que vivia ocupado com negócios, e quem pouco via seus filhos, recebia a visita do amigo advogado *Coppelius*. Ao aproximar-se da hora desta visita, *Natanael* ficava impedido de permanecer mais tempo com seu pai. Notemos a particular descrição desta cena:

Depois do jantar, habitualmente servido às sete horas, todos, inclusive mamãe, íamos para o escritório de meu pai e nos sentávamos em torno da mesa redonda. Ele se punha a fumar e tomava um copo enorme de cerveja. Muitas vezes, contava-nos histórias maravilhosas e se entusiasmava de tal modo com elas que o cachimbo sempre se apagava; eu me encarregava de acendê-lo com a chama de um pedaço de papel, coisa que, para mim, era uma grande diversão. Mas também,

com muita frequência, papai nos dava livros ilustrados para folhear e punha-se muito calado e imóvel na poltrona, soltando baforadas tão densas que todos acabávamos envoltos em uma neblina de fumaça. Nessas noites, mamãe ficava muito triste e, assim que o relógio dava nove horas, dizia: “Vamos, meninos! Para a cama! Para a cama! O *homem de Areia* está chegando, eu sei. Nestas ocasiões, eu sempre ouvia barulho lá fora, passos lentos e pesados subindo a escada: só podia ser o *Homem de Areia* (Hoffmann, 1817: 51).

Vale notar que Hoffmann preocupa-se em descrever o aparecimento do *Homem de Areia* com elementos sombrios, justificando e embasando o que mais tarde atormentará o jovem *Natanael*.

O segundo motivo importante: a história contada pela ama-seca de sua irmã caçula. *Natanael*, curioso em desvendar o mistério do *Homem de Areia* e não satisfeito com a resposta de sua mãe, que dizia que o este não existia, perguntara à ama, quem seria o misterioso *Homem de Areia*. Esta lhe diz:

Ora Nataelzinho, então não sabes? É um homem mau que aparece para as crianças que não querem ir para a cama e joga um punhal de areia em seus olhos até que estes saltem das órbitas, cobertos de sangue; então, ele os guarda em um saco e os leva para a Lua, onde seus filhos os comem; é lá que eles moram, em um ninho, têm bico adunco e o usam para arrancar os olhos das crianças travessas (Hoffmann, 1817:51).

Apontemos uma consideração importante contida neste conto, que ilustra esta dupla dimensão. O *Homem de Areia* é, a princípio, uma figura de linguagem utilizada pela mãe de *Natanael*, a fim de fazer as crianças dormirem. Mas para *Natanael*, esta figura adquire um assombroso caráter, uma presença extremamente desconcertante.

O medo pelo “Homem de Areia” iniciou-se a partir desta nova versão por ele escutada. Tal descrição o assustaria, e o faria ficar atormentado até o final de sua vida. *Natanael* forma uma imagem terrível e assustadora deste homem e o associa ao homem que visitava seu pai nestas noites, o amigo *Coppelius*. Ainda criança, e tomado pela curiosidade que intimamente se ligava ao medo terrível do “Homem de Areia”, *Natanael* se dispôs a desvendar o enigma em torno deste homem. Em uma determinada noite, resolve esconder-se no escritório do pai, aguardando a chegada da tão temida visita.

Chama-nos atenção a incontrolável curiosidade de *Natanael* em ver o “Homem de Areia”, acrescido do ambivalente terror em torno desta figura. Ao

mesmo tempo em que precisava se proteger deste homem, mantendo-se afastado e escondido, havia também uma necessidade incontrolável de se aproximar e de conhecê-lo.

Dentro do escritório do pai, ele se esconde atrás da cortina de um armário aberto. Conseguia ouvir os passos do temido homem se aproximarem, estes que se tornavam cada vez mais próximos, “acompanhados de estranhos pigarros, tosses e resmungos” (Hoffmann, 1817: 53). *Natanael* era tomado por intenso medo.

Finalmente, ao ver o homem entrar no escritório de seu pai espanta-se com o fato do “Homem de Areia” ser o advogado *Coppelius*, amigo de seu pai que costumava freqüentar a casa.

Natanael descreve *Coppelius* com algumas características repugnantes: vestia um casaco cinzento, tinha uma cabeça exageradamente grande, sobrancelhas grisalhas, olhos penetrantes, nariz comprido, sorriso maligno. A descrição ainda mais minuciosa retrata um homem feio e que causava repulsa. Acrescenta-se que também a mãe de *Natanael* parecia não gostar da presença deste homem, pois *Natanael* contava que ela sempre ficava triste nos momentos em que ele visitava seu marido.

[...] bastava ele chegar para que sua alegria [da mãe], seu temperamento risonho e doce, se transformasse em uma triste e sombria sisudez. Papai o tratava como se ele fosse um ser superior, cujos péssimos modos tinham de ser tolerados, e não se devia poupar esforço para lhe conservar o bom humor (Hoffmann, 1817: 54).

Portanto, a presença de *Coppelius* o afetou demasiadamente. Voltemos, agora, à cena do encontro de *Natanael* com *Coppelius*.

Coppelius entrava no escritório, e *Natanael* observava com afinco o que acontecia naquela sala. Para seu espanto, seu pai abria as portas de um armário, atrás das quais aparecia um nicho escuro no qual havia um fogareiro. Ao chegar perto do fogo, o rosto do pai desfigurava-se e se tornava parecido com *Coppelius*. Ele brincava com a fumaça e *Natanael* parecia “ver rostos humanos à sua volta, rostos sem olhos: no lugar deles havia medonhos buracos negros”.(Hoffmann, 1817: 54).

Coppelius exclamava: “Que venham os olhos! Que venham os olhos!” e *Natanael* assustado e apavorado, deixa-se perceber no seu esconderijo, apavorado. Ao ser notado por *Coppelius*, este diz: “Agora, sim, nós temos olhos, olhos, um

belo par de olhos de menino” (Hoffmann: 1817: 55), referindo-se aos olhos de *Natanael*. Seu temor de ter os olhos retirados por aquele homem aterrorizante é aplacado pela intervenção de seu pai que pede a *Coppelius* que deixe seu filho ter os olhos para chorar a sua sina pelo mundo afora.

Porém, devemos atentar para o fato de que não é pela ameaça de ter os olhos retirados que *Natanael* se aterroriza. De acordo com Freud

a ameaça de ser castrado excita de modo especial uma emoção particularmente violenta e obscura e que é essa emoção que dá, antes de mais nada, intenso colorido à idéia de perder outros órgãos (Freud, 1919:249).

Mas, ao contrário desta afirmação que atribui a angústia em relação aos próprios olhos e o medo de ficar cego, ao temor de ser castrado (Freud, 1919: 249), para Lacan a angústia é o efeito da presença dos olhos na cena. São os olhos retirados do corpo que configuram a possibilidade de obturar a falta com este objeto. A castração em si não é uma ameaça. Pelo contrário, ela estaria ameaçada, caso a falta fosse complementada.

Seria o mesmo que dizer que os olhos como objeto *a* viessem no lugar da falta.

Na cultura alemã, o Homem de Areia, denominado *das Sandmännchen*⁵, diminutivo de *der Sandmann*, é um personagem baseado na figura literária de Hoffmann. Compõe um mito folclórico presente no imaginário infantil, e é inofensivo, fazendo as crianças adormecerem, jogando-lhes alguns grãos de areia nos olhos à noite para que durmam. Ele aparece tanto nas histórias contadas pelos pais para as crianças, quanto em programas na TV, ao entardecer.

É curioso pensarmos nesta forma tão apaziguadora do Homem de Areia após a leitura do conto datado de 1817 e do texto “O estranho” (1919) de Freud, cuja ênfase recai sobre o aspecto sombrio e assombroso deste homem.

No entanto, *das Sandmännchen* existe há décadas como programa televisivo voltado para o público infantil. A fim de esclarecer esta contradição, basta ressaltarmos que, se os olhos permanecerem velados como objetos, não há porque temer a presença deste homenzinho. Os olhos no conto de Hoffmann surgem de forma a angustiar Natanael, justamente por aparecerem no lugar, e por evidenciarem o apagamento da falta.

⁵ Ver anexo 1.

2.5 O olho e o objeto *a*

Constatamos que em um primeiro momento, *Natanael* amedronta-se com a história que lhe contam sobre o “Homem de Areia”. O menino poderia ter mantido um certo distanciamento em relação a este homem, caso não demonstrasse tamanha curiosidade em encontrá-lo. No entanto, a cena a seguir definirá uma série de cenas subseqüentes, nas quais veremos a impressão de um terror em torno dos olhos.

A angústia surge de forma avassaladora quando *Natanael* tira a prova da existência do *Homem de Areia* e, de fato, o encontra. Depara-se com *Coppelius*, no lugar onde esperava encontrar o temível e ameaçador homem que ameaça retirar os olhos daqueles que não vão dormir. Para seu espanto, *Coppelius* também encarna a semelhante figura ameaçadora, o que faria *Natanael* confirmar a possibilidade angustiante de ver os olhos nas mãos deste terrível homem.

A história do “Homem de Areia” traz para *Natanael* o olho como um objeto que não pode ser evidenciado, pois sua presença o angustia. Trata-se do olho como o objeto *a*.

Neste sentido, o olho encarna aquilo que apresentamos como objeto *a*, um objeto caído da imagem, um resto, esse “algo” sem representação. A angústia que recaía sobre *Natanael* decorria da possibilidade de ver seus próprios olhos como objeto *a*, trazidos à luz e presentes na cena.

Existem, então, mais duas situações, nas quais *Natanael* se defronta com o objeto “olho”. Quando encontra Giuseppe *Coppola* um vendedor de barômetros que lhe diz: “Também tenho ótimos olhos!” (Freud, 1919:247). O jovem se angustia por achar que este vendedor oferece olhos como mercadoria. *Coppola* vendia óculos.

Segundo o editor da edição alemã do “Homem de Areia”, Rudolf Drux, os dois nomes *Coppelius* (latim) e *Coppola* (italiano) têm o radical *cop*, que em italiano significa tanto copo quanto cavidade ocular. Isto justifica o pavor de *Natanael* em relação à presença destes homens, pois eles remetem a algo concernente ao objeto *a* – neste caso, apresentada como olho.

Mais tarde, um acontecimento ainda mais grave ocorre, fazendo com que *Natanael* sucumba a um ataque de loucura. Costumava observar da janela de seu

quarto, uma boneca chamada *Olímpia*, por qual se apaixona, chegando a atribuir-lhe características humanas. Hoffmann descreve a visão de *Natanael*: “Vi uma mulher alta e magra, esplendorosamente vestida, sentada a uma mesinha, na qual pousara os braços e as mãos entrelaçadas” (Hoffmann, 1817: 60).

Certo dia descobre que *Olímpia* fora feita por Spalanzani, seu professor, e que os olhos dela haviam sido colocados por *Coppola*, o vendedor de barômetros.

Natanael já havia manifestado mal-estar em relação a tal autômato, pois *Olímpia* parecia não enxergá-lo. “Era como se estivesse dormindo de olhos abertos” (Hoffmann, 2004: 60). Ou seja, essa boneca, a quem o personagem atribuía vida, trazia nos olhos a marca do estranhamento. Os olhos não eram vivos.

A loucura decorre do momento em que Spalanzani apanha os olhos sangrentos de *Olímpia* e os arremessa ao peito de *Natanael*, dizendo que *Coppola* os havia roubado do estudante (Freud, 1919: 247).

Então *Natanael* avistou o sangrento par de olhos jogados no chão, olhando fixamente para ele; Spallanzani os pegou com a mão ilesa e jogou-os na sua direção, atingindo-o no peito. Foi nesse momento que a demência arrebatou o pobre *Natanael* com garras de fogo e, penetrando-lhe o espírito, destróçou-lhe o juízo e a razão (Hoffmann, 1817: 77).

Novamente os olhos aparecem na cena. Disso decorre a loucura, ou seja, quando os olhos como objeto *a* aparecem.

A loucura seria o estado extremo de angústia que, como diz Lacan, é um afeto que não comporta a dúvida. Pelo contrário, a certeza na angústia, lança o sujeito a um estado mortífero, de apagamento.

Recortamos a precisa descrição de Hoffmann da reação de *Natanael* ao se deparar com o objeto. “[...] tudo escureceu à minha volta, uma espécie de convulsão me percorreu os nervos e os ossos; depois não senti mais nada” (Hoffmann, 1817: 55).

Após recuperar-se de sua loucura, *Natanael* passeia com sua noiva, Clara.

Lá estavam os dois amantes de braços dados, na galeria mais alta da torre, apreciando os perfumados bosques, atrás dos quais se erguiam as colinas azuladas como uma cidade de gigantes. “Oh! Veja aquele pequeno arbusto cinzento. Que esquisito, parece estar vindo para cá!” disse Clara. Em um gesto instintivo, *Natanael* pôs a mão no bolso e, achando uma luneta de *Coppola*, apontou-a na

direção indicada. – Clara estava na frente das lentes! Ele sentiu um tremor convulsivo agitar-lhe o pulso e as veias; empalidecendo, fixou os olhos em Clara, mas estes não tardavam a se revirar e lampear e faiscar numa torrente de fogo; qual um bicho acuado, *Natanael* soltou um berro de pavor; a seguir, pôs-se a saltar no ar, e em meio a horrendas gargalhadas, gritou com voz esganiçada: “Gira bonequinha de pau...! Bonequinha de pau, gira!” (Hoffmann, 1817: 79-80).

Natanael enlouquece novamente ao ver os olhos de Clara ressaltados na lente de sua luneta. Por fim, avista *Coppelius* na multidão que se aglomerava na rua e desta vez, atira-se sobre o parapeito da torre. *Natanael* morre.

3. Um lugar para o segredo

3.1 Segredo e *unheimlich*

Em 1919 Freud escreve o texto “O estranho”, termo traduzido da palavra alemã *das Unheimliche*. No início do texto, apresenta uma longa pesquisa do termo e nos utilizamos dela para decantar o *unheimlich*. Em alemão, *das Unheimliche* é um substantivo e *unheimlich/ heimlich*, adjetivos

A princípio, *unheimlich* remete ao que há de aterrorizante, misterioso, estranho e assombroso. Usa-se muito esta palavra em livros de histórias mal-assombradas, nas quais algo pode surgir como uma assustadora surpresa vindo do desconhecimento de um lugar obscuro.

Porém, a palavra *heimlich* contida no *unheimlich*, confere em si uma outra conotação. Vejamos que *heimlich* diz respeito ao lar, à casa, e também àquilo que se diz por debaixo dos panos, sem que os outros percebam.

Heimlich, sendo familiar é também extremamente particular, único, incompartilhável com os demais.

Na cultura alemã, a casa é denominada de duas formas: *das Haus* ou *das Heim*. A primeira remete ao espaço físico, e a segunda ao lar, ao conforto e também ao lugar que se mantém de certa forma preservado. Ou seja, não se abre as portas para qualquer visita. Há algo em *das Heim* que localiza um lugar seguro no qual existe um segredo preservado.

Este segredo, ao contrário do que se pode imaginar no senso comum, não é possível ser revelado, pois não possui conteúdo algum. Seu acesso é impossível já que não consiste senão como alguma coisa localizada em *das Heim*, um ponto que não se traduz e que não pode ser dito.

No entanto, o segredo pode manifestar-se nos ditos fenômenos de *das Unheimliche*, como descrevemos no exemplo que Freud relata a respeito de sua própria experiência no trem. O segredo manifesta-se sob a forma de um mal-estar e de um profundo estranhamento de si mesmo quando aparece na cena daquele que se vê refletido.

Freud, ao desenvolver o *unheimlich*, não encontra nenhum sinônimo que designe o caráter de espanto intrínseco a este fenômeno, ou seja, a experiência do estranhamento traz a dimensão de algo que é muito próprio e ao mesmo tempo inacessível ao sujeito. Não nos espantamos com esta dificuldade, pois é de uma impossibilidade que se trata, de um segredo vazio trazido à cena no fenômeno *unheimlich*.

Segundo Freud “o estranho é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar” (Freud, 1919:238).

Estas são palavras de Freud que podem ser interpretadas da seguinte forma. Há algo na imagem que aparece sob a forma do estranhamento, causando um mal-estar.

No entanto, isto que surge gerando um não-reconhecimento de si mesmo é o que é mais familiar por remeter à singularidade mais particular de cada sujeito, o que Freud conceitualizou de inconsciente. O *heimlich* evidencia-se na cena, trazendo à tona o paradoxo de estranhar-se na própria imagem.

O segredo (*heimlich*) como evidência do impossível de ser significado aproxima-nos à definição do objeto *a*, que resta como aquilo que nunca fizera parte da imagem do corpo.

Neste sentido, o segredo vela e desvela ao mesmo tempo, o objeto *a*. Uma vez desvelado, este se presentifica na cena, e causa um mal-estar naquele que vê a própria imagem e não a reconhece, pois o segredo que, em *das Heim* está preservado (ou velado), aparece diante do olhar.

Ou seja, no estranhamento diante da imagem, há algo muito particular que aparece diante do olhar como um ponto vazio, contido na própria imagem.

3.2 A mancha e o segredo

Percebemos então que a função da mancha e do olhar é ali ao mesmo tempo o que o comanda mais secretamente e o que escapa sempre à apreensão dessa forma da visão que se satisfaz consigo mesma imaginando-se como consciência (Lacan, 1964: 74).

O segredo não contém um conteúdo possível de ser dito ou mesmo revelado. Ele se define por uma ausência de significação, de nomes que o designariam. Assim, encarna algo que não tem forma ou contorno. É impossível sabê-lo ou mesmo vê-lo. Sua manifestação resume-se ao mal-estar e à angústia por desvelar o inominável.

Afirmamos no ponto anterior que *das Heim* remete ao conforto do lar. Por este ponto de vista, a casa torna-se tão íntima, justamente por guardar o segredo. É em torno dele que os móveis serão organizados, atribuindo à casa uma identidade singular. Tomemos a casa (*das Heim*) como um quadro e o segredo como uma mancha no quadro. A mancha localizará no quadro, algo que configura uma certa presença, mas sem cores, sem forma, sem desenho e contorno.

Cabe a ela ocupar um lugar preciso dentro da moldura do quadro, pois não deve estar no primeiro plano, aquele que se vê ao olhar para o quadro.

Caso ela salte ao olhar, a pintura desenhada por formas definidas, contornos e cores, desaparece.

Vejamos o quadro de Hans Holbein, de 1533, intitulado de “*Os Embaixadores*”.⁶

Ao olharmos o quadro reconhecemos dois embaixadores, uma mesa e outros objetos que compõem os elementos desta imagem. No plano inferior é possível reconhecer alguma coisa que não se pode definir bem o que é.

Ora, no quadro dos *Embaixadores* – [...] o que é que vocês vêem? O que é esse objeto estranho, suspenso, oblíquo, no primeiro plano, à frente desses dois personagens? Os dois personagens estão hirtos, duros dentro de seus ornamentos de ostentação. Entre eles, toda uma série de objetos que figuram, na pintura da época, os símbolos do *vanitas*. [...] Agora, o que é então, diante dessa ostentação de domínio de aparência em suas formas mais fascinantes, o que é então esse objeto aqui voando, aqui inclinado? Vocês não podem saber – pois vocês vão

⁶ Este quadro exposto na “*National Gallery*” em Londres, figura a capa da edição do Seminário 11 de Lacan: “Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964). Ver anexo 2.

embora, escapando às fascinações do quadro. Comecem a sair da sala onde sem dúvida ele os cativou por longo tempo. É então que, virando-se, de saída – [...] – vocês percebem naquela forma, o quê? – um crânio de caveira. Não é de modo algum assim que ela se apresenta primeiro, essa figura [...] (Lacan, 1964:87).

Voltamos à questão concernente ao objeto *a*, objeto este que ao se presentificar, desfigura e altera a imagem. Podemos afirmar que a caveira é uma mancha no quadro que ali pode permanecer despercebida. Ao ser colocada em primeiro plano, ela toma uma forma assustadora, podendo anular o que Lacan chamou de formas fascinantes no quadro.

Existe, então, a necessidade de um distanciamento do objeto. Chegar perto demais do objeto *a* causa problemas. A imagem do quadro comporta perfeitamente a mancha. Mas se ela salta ao primeiro plano, é aí que reside o perigo. Ela apaga a imagem mesmo que “fascinante”.

3.3 Que segredo para a fobia?

No decorrer da análise e da longa discussão de Lacan a respeito da solução fóbica no caso *Hans* (Seminário 4- “A relação de objeto”, 1956), encontramos uma dificuldade em localizar o que chamamos de segredo, ou seja, um ponto de ausência de significação.

Talvez somente após a formalização do conceito do objeto *a*, iniciada alguns anos depois por Lacan, em 1962-63 (Seminário 10- “A angústia”), cujo estatuto distancia-o do objeto fóbico – objeto imaginário, seja possível articular o segredo com a fobia. No entanto, a aproximação que pretendemos estabelecer consiste na introdução de um questionamento, de uma hipótese.

Hans localizava no cavalo (objeto fóbico) a angústia. O medo, por sua vez, mantinha-o afastado do objeto temido. Esta solução aparentemente simples, de fato já solucionava boa parte de sua angústia que, contida sob a forma do temor, poderia ser evitada.

Mas e o objeto *a*? Onde podemos encontrá-lo na construção do caso *Hans*? A princípio, uma fala do próprio menino nos oferece uma pista para uma possível localização do objeto *a*, do segredo, da mancha.

Hans dizia: “Tenho mais medo dos cavalos que têm uma coisa na boca” [...] “Eles têm uma coisa preta na boca. [...]”, “Uma coisa preta” (Freud, 1909: 50-51).

Em resposta à insistência de seu pai em precisar o objeto do medo, *Hans* repete três vezes “coisa preta”. Não era capaz de defini-la. Chama-nos atenção o fato de *Hans* demonstrar um temor maior, justamente pela presença e pelo encontro com tais cavalos, com a “coisa preta” (Na edição alemã “Gesammelte Werke”: *Etwas Schwarzes*).

De acordo com o nosso desenvolvimento acerca do quadro, que contém a mancha, e o segredo, contido em *das Heim*, a “coisa preta” no cavalo parece também configurar um ponto de ausência, algo não-representável em termos significantes. Mas há uma particularidade importante a ser ressaltada na “coisa preta” no cavalo.

Tanto a mancha, quanto o segredo, podem ser “protegidos” em *i(a)*. Se a mancha do quadro salta aos olhos, ou se o segredo for ameaçado em seu lar, constata-se a irrupção da angústia. Ou seja, o objeto *a* aparece na cena, sem proteção.

No exemplo da “coisa preta” no cavalo de *Hans*, ela está presente, diante dos olhos: a coisa é vista. Ela parece não ter um lugar específico, no qual sua presença possa manter-se de forma velada. A coisa esta lá, sempre e é, então, neste encontro a olho nu, que *Hans* mais teme os cavalos, pois neles há um resto de angústia que o cavalo não porta. Algo escapa.

Segundo Barros,

O medo se estrutura em torno de uma representação formal do objeto, mas é ao mesmo tempo mobilizado pelo resto de angústia. Ou seja, se o medo anuncia um objeto ameaçador, a angústia, por sua vez, que “não é sem objeto”, é mobilizada pelo que há de indeterminado ou de estranho no objeto do medo (Barros, 2004 a: 58).

Concluimos, portanto, com a seguinte questão: é possível falar do segredo na fobia? Parece que o objeto *a*, como resíduo, encontra-se constantemente diante dos olhos de *Hans*, ao deparar-se com os cavalos. Assim, costuramos esta

conclusão com a observação tão ressaltada por Freud: a fobia é essencialmente marcada pela angústia; além do fato da fobia mostrar-se uma solução paralela à angústia.

Conclusão

E eis que percebo que quero para mim o substrato vibrante da palavra repetida em canto gregoriano. Estou consciente de que tudo o que sei não posso dizer, só sei pintando ou pronunciando sílabas cegas de sentido. E se tenho aqui que usar-te, palavras, elas têm que fazer um sentido quase que só corpóreo, estou em luta com a vibração última. Para te dizer o meu substrato faço uma frase de palavras feitas apenas dos instantes-já (Lispector, 1998:11).

Depreendemos desta passagem de Clarice Lispector o substrato como algo incorpóreo e indefinível. Sua manifestação traduz-se na vibração, nas sílabas cegas, nos instantes-já, fugidios, que não podem ser apreendidos. São apenas tentativas de descrever alguma coisa que, em sua essência não se deixa designar.

Nosso percurso deixa vestígios deste substrato e podemos enumerar algumas aproximações: o segredo, o objeto *a*, a mancha no quadro, o estranho; nomes que tangenciam o substrato sem nunca tocar o sentido.

Todos estes nomes remetem àquilo que escapa ao sujeito, mas que, no entanto, não se separam dele, pois são manifestações que dizem respeito ao próprio sujeito e lhe constituem como tal. Em relação ao sujeito, Lacan escreve:

Qual seja, a maneira certa de responder à pergunta “Quem está falando?”, quando se trata do sujeito do inconsciente. Pois essa resposta não poderia provir dele, se ele não sabe o que diz e nem sequer que está falando, como nos ensina a experiência inteira da análise (1960 b: 815).

Qualquer expressão, como a escrita ou a pintura, não captura o substrato, pois ele não aparece como palavra ou como imagem. Mas caso ele apareça, estranho como é, sem forma, quando a mancha ressalta aos olhos ou quando o vão entre as palavras se presentifica, o substrato pode capturar o sujeito, como no caso dos olhos em cena na história do personagem Natanael. Aí reside o perigo da complementaridade.

Se a tendência da ciência é almejar razões que justificam a origem da vida, o infinito traz como um “salva-vidas” o apaziguamento para a impossibilidade para tal suposto “todo-saber”.

Desta mesma forma, a medicina tenta enquadrar sujeitos em classificações e categorias específicas, oferecendo-lhes sentidos para os acometimentos, e se surpreende com casos que escapam à eficácia de tratamentos tão minuciosamente elaborados e pesquisados.

Na prática médica é possível observar a tendência em ignorar isso que Clarice Lispector denomina de substrato, desconsiderando assim a inscrição da diferença. Pois se todo substrato é inapreensível, é o sujeito que lhe traduzirá, deixando, contudo, sempre a marca do não-sentido por trás da tradução. E cada tradução será particular, tornando único cada substrato.

A ciência se pergunta: para que valorizar o substrato, se ele não tem sentido? Trata-se, pois, da busca em conferir sentido a todo e qualquer mal-estar, signo de uma diferença intransponível, encaixando os pacientes em diagnósticos, e oferecendo-lhes a cura a partir de medicações diversas.

Verificamos também o imperativo em eliminar o mal-estar, no exemplo da busca desenfreada pelos ideais de beleza. Atingir a imagem ideal, baseada em modelos pré-definidos, poderia isentar o mal-estar.

Freud, em “O mal-estar na civilização”, já afirmara que a beleza é um dos fatores da busca pela felicidade, mas advertia que “a atitude em relação ao objetivo da vida oferece muito pouca proteção contra a ameaça do sofrimento, embora possa compensá-lo bastante” (1930[1929]: 90).

E acrescenta que

Embora a ciência da estética investigue as condições sob as quais as coisas são sentidas como belas, tem sido incapaz de fornecer qualquer explicação a respeito da natureza e da origem da beleza, e, tal como geralmente acontece, esse insucesso vem sendo escamoteado sob um dilúvio de palavras tão pomposas quanto ocas (Freud, 1930 [1929]: 90).

Freud acreditava na impossibilidade de se definir o que seria a beleza. No entanto, a medicina sustenta a obtenção de um ideal e verifica-se uma forte adesão a formas corporais impostas que garantiriam uma felicidade plena que, no entanto, apenas “compensariam” o mal-estar. Conseqüentemente, a fim de manter o mal-estar afastado, muitas vezes torna-se necessário repetir e acumular operações transformadoras, plásticas e outras transformações estéticas de forma ilimitada.

São inúmeras as referências que poderíamos agrupar e que visam a obtenção da eliminação do mal-estar. Poderíamos falar de muitas delas, mas

optamos por concordar com Freud e considerar o mal-estar uma pista para a diferenciação, para a riqueza de particularidades.

E autorizamos-nos a escutar o que o mal-estar tem a dizer, incluindo-o e apostando em construções caso a caso, deixando de lado generalizações.

Encontramos na clínica tal possibilidade, a de escutar e recolher singularidades, de permitir e esperar frases sem-sentidos, sílabas vazias, e lapsos.

Retornando ao tema inicial deste texto, assim como a fobia se distinguiu das demais neuroses (histeria de conversão e obsessão), pela forma de dar destino ao afeto, observamos muitas formas novas e variadas soluções para contornar o mal-estar, a angústia, a diferença.

Observamos o que impera em inúmeras práticas, ou seja, a não inclusão da diferença como traço singular, e ao mal-estar. Almeja-se dar um destino pela via do sentido.

Cabe, portanto, aos psicanalistas atentarem para o que escapa ao sentido, recolhendo as ínfimas manifestações do substrato, incluindo-as como pequenos segredos.

Concluimos, portanto, com o objeto definido por Lacan como objeto *a*, esse substrato que Clarice Lispector ressalta no “entre” as palavras, impossível de ser dito. Uma vez localizado, retira o sujeito do mandato de sentido, revela a singularidade e a particularidade para qual escapa o sentido. Esta é a aposta clínica.

Referências bibliográficas

BARTHES, R. (1980) **A Câmera Clara**. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1984.

BARROS, R. R. (2004 a) **O medo, o seu tempo e a sua política**. In: A política do medo e o dizer do psicanalista. Latusa nº 9. Rio de Janeiro, Escola Brasileira de Psicanálise, 2004.

CALVINO, I. (2004 b) **Contos fantásticos do século XIX escolhidos por Ítalo Calvino**. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.

DERRIDA, J. (1991) **Margens da filosofia**. Campinas, Papirus, 1991.

FERREIRA, A. B. H. (1986) **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1986.

_____ (1987) **Minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1985.

FREUD, S. (1893 a) **Manuscrito B: A etiologia das neuroses**, Extratos dos documentos dirigidos à Fliess (1950 [1892-1899]). Vol. I. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora Ltda., 1988.

_____ (1894 a) **Manuscrito D: Sobre a etiologia e a teoria das principais neuroses**, Extratos dos documentos dirigidos à Fliess (1950 [1892-1899]). Vol. I

_____ (1894 b) **Manuscrito E, Como se origina a angústia**, Extratos dos documentos dirigidos à Fliess (1950 [1892-1899]). Vol. I

_____ (1893-1895) **Caso clínico: Fraulein Elizabeth von R.** In: Estudos sobre a histeria. Vol. II

- _____ (1893 b) **Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: uma conferência.** Vol. III
- _____ (1894 c) **As neuropsicoses de defesa.** Vol. III
- _____ (1895 [1894] a) **Obsessões e fobias: seu mecanismo psíquico e sua etiologia.** Vol. III
- _____ (1895 [1894] b) **Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada “neurose de angústia”.** Vol. III
- _____ (1895 c) **Uma réplica às críticas de meu artigo sobre neurose de angústia.** Vol. III
- _____ (1896 a) **Hereditariedade e a etiologia das neuroses.** Vol. III
- _____ (1896 b) **Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa.** Vol. III
- _____ (1900) **A interpretação dos sonhos.** Vol. V
- _____ (1905) **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade.** Vol. VII
- _____ (1909) **Análise de uma fobia em um menino de cinco anos.** Vol. X
- _____ (1909) **Analyse der Phobie eines fünfjährigen Knaben.** Gesammelte Werke, VII, Frankfurt, Fischer Verlag, 1999.
- _____ (1913 [1912-13]) **Totem e tabu.** Vol. XIII
- _____ (1915) **O recalque.** Vol. XIV
- _____ (1917 [1916-1917] a) **Conferências introdutórias sobre Psicanálise XVII - O sentido dos sintomas.** Vol. XVI
- _____ (1917 [1916-1917] b) **Conferências introdutórias sobre Psicanálise XXIII – O caminho da formação dos sintomas.** Vol. XVI
- _____ (1917 [1916-1917] c) **Conferências introdutórias sobre Psicanálise XXV – A angústia .** Vol. XVI
- _____ (1918 [1914]) **História de uma neurose infantil.** Vol. XVII
- _____ (1919) **O estranho.** Vol. XVII
- _____ (1919) **Das Unheimliche,** Gesammelte Werke XII, Frankfurt, Fischer Verlag, 1999.
- _____ (1923) **A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade.** Vol. XIX
- _____ (1924 a) **A dissolução do complexo de Édipo.** Vol. XIX

- _____ (1925 [1926]) **Inibição, sintoma e angústia**. Vol. XX
- _____ (1925 [1926]) **Hemmung, Symptom und Angst**. Gesammelte Werke XIV, Frankfurt, Fischer Verlag, 1999.
- _____ (1930 [1929]) **O mal-estar na civilização**. Vol. XXI
- _____ (1933 [1932]) **Novas conferências introdutórias sobre psicanálise XXXII – Angústia e vida pulsional**. Vol. XXII.

HOFFMANN, E.T.A. (1817) **O Homem de Areia**. In: Contos fantásticos do século XIX escolhidos por Ítalo Calvino. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.

HOFFMANN, E.T.A. (1817) **Der Sandmann**. Herausgegeben von Drux, R. Stuttgart, Reclam Verlag, 2003.

HORNE, B. (1998 a) **A fobia como plataforma giratória**. In: O sintoma charlatão, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 1998.

LACAN, J. (1953-54) **O Seminário, Livro 1: Os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1986.

_____ (1954-55) **O Seminário, Livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985.

_____ (1956) **O Seminário, Livro 4: A relação de objeto**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995.

_____ (1957-58) **O Seminário, Livro 5: As formações do inconsciente**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1999.

_____ (1958-59) **O Seminário, Livro 6: O desejo e sua interpretação**. Inédito.

_____ (1962-63) **O Seminário, Livro 10: A angústia**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2005.

_____ (1969) **O Seminário, Livro 16: De um Outro ao outro**. Inédito.

_____ (1964) **O Seminário, Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985.

_____ (1969-70) **O Seminário, Livro 17: O avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1992.

_____ (1979) **O Seminário, Livro 26: A topologia e o tempo.** Inédito.

_____ (1949) **O estádio do espelho como formador da função do eu.** In: Escritos, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998.

_____ (1953) **Função e campo da fala e da linguagem.** In: Escritos, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998.

_____ (1954) **A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud.** In: Escritos, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998.

_____ (1955-56) **De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose.** In: Escritos, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998.

_____ (1958 a) **A direção do tratamento e os princípios de seu poder.** In: Escritos, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998.

_____ (1960 a) **Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: “Psicanálise e estrutura da personalidade”.** In: Escritos, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998.

_____ (1958 b) **A significação do falo.** In: Escritos, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998.

_____ (1960 b) **Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano.** In: Escritos, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998.

LACLAU, E. (2004 c) **Por qué los significantes vacíos son importantes para la política?** In: Debates contemporaneos - Psicanálisis y filosofía. Argentina, Colección Orientación Lacaniana, publicación de la Escuela de la Orientación Lacaniana (EOL), 2004.

LAROUSSE, K. (1987) **Pequeno Dicionário Enciclopédico.** Rio de Janeiro, Editora Larousse do Brasil Ltda., 1987.

LISPECTOR, C. (1998 b) **Água-viva.** Rio de Janeiro, Editora Rocco, 1998.

MILLER, J. A. (1995) **A lógica na direção da cura**. Elaboraões sobre o Seminário IV de Jacques Lacan - A relação de objeto. Minas Gerais, Seção Minas Gerais da Escola Brasileira de Psicanálise do Campo Freudiano, 1995.

_____ (1996) **Matemas I**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 1996.

_____ (2000) **A erótica do tempo**. Latusa. Rio de Janeiro, Escola Brasileira de Psicanálise, 2000.

_____ (2004 d) **Angústia constituída, angústia constituinte**. Extrato da intervenção de Jacques Alain-Miller - Jornadas de outono da ECF. Salvador, 2005.

RANK, O. (1924 b) **Die Don Juan Gestalt**. Leipzig/Wien/Zürich, Internationaler Psychoanalytischer Verlag, 1924.

_____ (1924 c) **Das Trauma der Geburt und seine Bedeutung für die Psychoanalyse**. Giessen, Psychoanalytischer Verlag, 1998.

REGNAULT, F. (1997 a) **O Nome-do-Pai**. In: Para ler o Seminário 11 de Lacan. Feldstein, R.; Fink, B. & Jaanus, M., (orgs.). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997.

REGO, C.M. (2005) **Traço, letra e escrita na/da psicanálise**. Tese de Doutorado – PUC-RIO, Rio de Janeiro, 2005.

STEPHANIDES, M. **Édipo**. São Paulo, Editora Odysseus, 2001.

TODOROV, T. (1939) **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo, Editora Perspectiva, Série Debates, 3ª edição, 2004.

VIEIRA, M. A. (1999) **Sobre o Seminário V de Jacques Lacan e sua teoria clínica da significação (ou o chiste e sua relação com as formações do inconsciente)**. In: Motta, M & Jimenez, S. (org.) O desejo é o diabo. Rio de Janeiro, Contra Capa, 1999.

_____ (2000) **A inquietante estranheza: do fenômeno à estrutura.** In: Latusa nº 4/5. Rio de Janeiro, Escola Brasileira de Psicanálise, 2000.

_____ (2001) **A ética da paixão. Uma teoria psicanalítica do afeto.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2001.

_____ (2002) **Como se ri da angústia.** In: Angústia, Besset, V.L. (orgs.), São Paulo, Editora Escuta, 2002.

Žižek, S. (1997 b) **A lâmina de David Lynch.** In: Para ler o Seminário 11 de Lacan. Feldstein, R., Fink, B, & Jaanus, M., (orgs.). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997.

Anexo 1.**“O Homem de Areia”**

Anexo 2.

“Os Embaixadores”, Hans Holbein



Copyright © 2002 The National Gallery, London. All rights reserved.